

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE ARTES - IdA  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS – VIS

PRISCILLA CUPELLO BERNARDO

**O Autorretrato Fotomontado**  
**A Construção da Identidade: do autorretrato à fotomontagem.**

BRASÍLIA

2011

PRISCILLA CUPELLO BERNARDO

**O Autorretrato Fotomontado**  
**A Construção da Identidade: do autorretrato à fotomontagem.**

Monografia apresentada no Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Artes Plásticas.

Orientador: Professor Me. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira

BRASILIA

2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES

PRISCILLA CUPELLO BERBARDO

BANCA EXAMINADORA

---

Profº Doutorando LUIZ CARLOS PINHEIRO FERREIRA  
Orientador

---

Profª Doutoranda LISA MINARI

---

Profª Drª ANA BEATRIZ BARROSO

BRASÍLIA  
2011

## **AGRADECIMENTOS**

Acima de tudo, agradeço a Deus, essa força que me impulsiona a seguir.

Agradeço aos meu pais, pessoas maravilhosas, ao amor, a paciência e encorajamentos que deles recebo todos os dias. Aos amigos e familiares por entenderem a loucura momentânea e mesmo assim me amarem.

Ao meu querido orientador, professor e amigo, por seu companherismo e compreensão diante dos problemas e imprevistos e, também por me ajudar a acreditar em meu potencial.

Por fim, agradeço ao Thor, pela companhia nas longas madrugadas.

Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira, pura enquanto durar. Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.

**SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	p.7
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	
2.1. A construção da identidade na adolescência	p.10
2.2. Cultura e Identidade Cultural	p.14
2.3. Imagem Fotográfica	p.17
2.4. Do autorretrato a fotomontagem	p.21
<b>3. METODOLOGIA</b>	
3.1. Pesquisa-Ação	p.26
3.2. Contextualizando o espaço escolar	p.28
3.3. Da teoria á produção	p.32
<b>4. REFLETINDO SOBRE OS AUTORRETRATOS FOTOMONTADOS</b>	p.37
<b>5. CONCLUSÃO</b>	p.43
<b>6. REFERÊNCIAS</b>	p.45
<b>7. ANEXOS</b>	
7.1. Índice de figuras	p.49
7.2. Planos de aula	p.50
7.3. Entrevistas	p.52
7.4. Autorretratos	p.60

## 1. INTRODUÇÃO

“Depois de uma longa espera consegui, finalmente, plantar o meu jardim. Tive de esperar muito tempo porque jardins precisam de terra para existir. Mas a terra eu não tinha. De meu, eu só tinha o sonho. Sei que é nos sonhos que os jardins existem, antes de existirem do lado de fora. Um jardim é um sonho que virou realidade, revelação de nossa verdade interior escondida, a alma nua se oferecendo ao deleite dos outros, sem vergonha alguma... Mas os sonhos, sendo coisas belas, são coisas fracas. Sozinhos, eles nada podem fazer: pássaros sem asas... São como as canções, que nada são até que alguém as cante; como as sementes, dentro dos pacotinhos, à espera de alguém que as liberte e as plante na terra. Os sonhos viviam dentro de mim. Eram posse minha. Mas a terra não me pertencia”.

(Rubem Alves)

Eu acredito na educação. Acredito na educação por meio da arte, e o presente estudo além de todos os conceitos, teóricos e artistas nele contido, fala de amor. Do amor que transforma, que aproxima e dá vida às pessoas. Essa é uma pesquisa que se propõe a estudar e pesquisar o desenvolvimento de pessoas que, por diferentes motivos, passaram por privações impostas pela vida e que hoje precisam de um tipo de educação, por muitos sonhada, que se faz real em uma escola pública do Distrito Federal.

O desenvolvimento e a construção das identidades dos adolescentes aqui estudados fazem parte das muitas ações realizadas na Escola do Parque da cidade – Promoção Educativa do Menor, EPC/PROEM, localizada em Brasília, Capital e centro do poder do país.

A presente pesquisa foi motivada pelos conflitos, necessidades e pelas conturbadas metamorfoses que marcam a adolescência, época de transformações na qual o jovem constrói parâmetros de valores pessoais e sociais moldando sua identidade.

A adolescência é um período em que podem ocorrer inúmeros eventos considerados como situações de risco, capazes de resultar em vulnerabilidade pessoal, social ou acionar processos de resiliência. É válido ressaltar que os caminhos do desenvolvimento são individuais, o crescimento e o amadurecimento ocorrem cada um ao seu tempo.

O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, garante o acesso à cultura, esporte, educação, lazer e segurança, dentre outros. Esses são direitos que em algum momento foram usurpados dos estudantes que formam o corpo discente da EPC/PROEM, alunos que, antes à margem do sistema regular de ensino público do Distrito Federal, encontraram ali, uma escola que valoriza habilidades, qualidades e sentimentos que os caracterizam como indivíduos únicos.

Contraditoriamente, por se sentirem alijados, os jovens das classes populares tendem a buscar e reproduzir valores e modismos da classe dominante. O papel da mídia neste processo de aculturação é ressaltado e desencadeia o desejo de possuir o que é “vendido” como signo de pertencimento.

A globalização trouxe um ponto de grande relevância para os nossos adolescentes em questão: a facilidade no acesso de informações. É claro que tal fato vem a ser uma via de mão dupla, já que estremeceu suas relações com suas identidades culturais.

Uma oficina realizada em 2009 serviu como base para a elaboração do projeto que desencadeou este trabalho de pesquisa. Por integrar a equipe docente da EPC/PROEM propus, a um grupo de alunos que havia participado da atividade supracitada, para colaborar e dar continuidade ao trabalho. Desta forma pude acompanhar e analisar, juntamente com os alunos colaboradores, o processo de crescimento dos mesmos através de um estudo comparativo dos resultados das atividades.

Neste estudo, será abordado o resultado da oficina proposta, em que os alunos foram estimulados a criar autorretratos fotomontados, não só de sua aparência física, mas que fossem além e transmitissem de forma espontânea suas personalidades, anseios, desejos e expectativas. Assim, estabeleceu-se uma comunicação visual que os permitiu externar por meio da arte suas potencialidades e fragilidades, tanto para quem apreciasse a obra final, quanto para eles mesmos.

Ao dividir o processo em duas etapas, os alunos tiveram a oportunidade de se autodescobrirem e, dois anos depois, se “re-descobrirem”. Foram capazes de perceber o amadurecimento, tanto corporal quanto intelectual e emocional, pois esses momentos oportunizaram a crítica da própria imagem, a reflexão sobre o desenvolvimento e assim, criar uma visão global de si mesmos, fundamental ao processo de autoreconhecimento e construção de sua identidade.

O presente estudo inicia-se com o capítulo dois, o Referencial Teórico, contextualizando a visão de diferentes autores sobre os processos que desencadeiam a construção da identidade na adolescência, levando em consideração fatores ambientais,

sociais, culturais e psicológicos. No decorrer do referencial teórico são abordados os conceitos sobre Imagem Fotográfica, Autorretrato e Fotomontagem.

Optei pelo estudo destes conceitos por considerar que eles se complementam, assim como o processo de construção das identidades dos jovens e a produção do Autorretrato Fotomontado. Esta produção parte de uma imagem fotográfica, o autorretrato, perpassa pela análise da mesma e sua desconstrução afim de compor uma nova imagem fotomontada. A relação entre tais conceitos permite a utilização de imagens ou signos para retratar de forma libertadora a autoimagem de cada aluno, sendo este um processo construtivo de autorreflexão.

O terceiro capítulo, texto acerca da metodologia, tem início com uma breve explicação sobre o conceito de Pesquisa-ação e como a escolha deste método foi importante para todo o processo. Segue explicando o projeto pedagógico inovador da EPC/PROEM, e como esta Instituição de Ensino fomenta experiências baseadas na transdisciplinariedade e no protagonismo juvenil. Descreve ainda a concepção e aplicação da oficina realizada junto aos alunos, ressaltando o papel da arte no aprendizado.

Foram enfatizadas as impressões dos alunos sobre o trabalho realizado e como este possibilitou a “re-descoberta” dos mesmos, haja vista que puderam comparar o autorretrato de 2009 com a fotomontagem de 2011, traçando assim um paralelo entre como se viam no passado e como se veem no presente, pontuando intersecções relativas a seus crescimentos pessoais e os sonhos que carregam.

Os encontros realizados foram possíveis por conta do interesse dos alunos, que colaboraram com a pesquisa e partilharam seus problemas, anseios e sonhos comigo e com os colegas. As colaboradoras que passaram por todas as etapas terão seus trabalhos analisados mais detalhadamente no capítulo de reflexão das produções. Optei por colocar os trabalhos dos alunos que não participaram de todo o processo no decorrer do corpo do texto da pesquisa.

Levando em consideração esta atividade e motivada pelo entendimento de que a arte é uma ciência de educação que torna os alunos protagonistas de sua própria história, lancei mão desta ferramenta para sensibilizá-los em relação a singularidade de cada um, propiciando a continuação da construção de identidades pessoais e sociais de forma livre e lúdica.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

"Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda."

( Paulo Freire )

### 2.1. A construção da identidade na adolescência

A construção da identidade é social e seu processo ocorre ao longo da vida do indivíduo. O desenvolvimento da identidade do homem se inicia através de sua interação com o meio em que vive e com as relações sociais, a partir de onde construirá não só a sua identidade, como a sua inteligência, suas emoções, seus medos, sua personalidade. Desse modo, ao pensar na fala da aluna:

“Assim... Eu acho que elas me viam um pouco de criança, um pouco criança pelo jeito das roupas que eu vestia... um pouco meio infantil...” Resposta da aluna Mariana<sup>1</sup>, 15 anos, ao ser questionada sobre como ela achava que as pessoas a viam há dois anos atrás.

Apesar de alguns traços desenvolvimentais serem comuns a todas as pessoas, independente do meio e da cultura em que estejam inseridas, há determinadas características do desenvolvimento que se diferem em grande escala quando há diferenças culturais.

As diferenças culturais propiciam o surgimento da diversidade humana que a cada experiência vivida, a cada problema enfrentado, alimenta o processo de construção da identidade. A construção da identidade é um desses fatores relacionados ao desenvolvimento que tem íntima dependência da cultura e da sociedade onde o indivíduo está inserido.

Pude, diante da realidade contemporânea e de minhas experiências profissionais, perceber que a criança começa sua sociabilização cada vez mais cedo em espaços como berçários e creches, onde o processo de desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento da identidade tem início. É momento que não existindo, ou não sendo adequada, a motivação pedagógica à curiosidade, ao estímulo do desenvolvimento da fala, dos movimentos, convívio

---

<sup>1</sup> Os nomes de todos os alunos são fictícios.

social e tantos outros itens, pode prejudicar o desenvolvimento sócio-cognitivo da criança que, quando estimulados corretamente, agem como diferencial.

Assim sendo, é através das atividades rotineiras e dos estímulos que a aprendizagem ocorre, dando início ao processo de autonomia dos movimentos, da construção da comunicação e da exploração do corpo. Neste sentido, diante desses primeiros impulsos é que a criança desenvolve a autoconfiança, fator esse decisivo para a construção de sua identidade.

Magrit Krueger defendeu que no âmbito da educação infantil, a relação professor/aluno é particular e contínua. É em função da proximidade afetiva que se dá a interação com os objetos e a construção de um conhecimento altamente envolvente. Ela citou Cláudio Saltini, que declara que a afetividade é condutora do desenvolvimento.

Complementa o referido autor:

“Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas tomam um sentido, um peso e um respeito, enfim, onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião” (SALTINI, *apud Krueger*, 1997, p. 89).

Esse acolhimento é de grande importância no início da fase dos registros gráficos, garatujas. É essencial que o educador os valorize uma vez que esta experimentação incidirá na ampliação do conhecimento que a criança tem de si própria e do mundo que a cerca. O descaso poderá resultar na inibição, impedindo seu progresso e segurança nos próximos registros, imprescindíveis para o processo de construção da identidade e fator de lacuna recorrente no universo discente da escola onde esta pesquisa foi concretizada.

Há no ser humano a necessidade do elogio, da apreciação e reconhecimento, durante toda a vida. A experiência de expor idéias, de forma democrática, contribui para construção de uma relação equilibrada tanto entre aluno/professor quanto aluno/aluno.

Conforme Hall, as identidades devem ser entendidas como um processo sempre em construção e inacabado. Com isso,

“Ao invés de tomar a identidade por um fato que, uma vez consumado, passa, em seguida, a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la, talvez, como uma “produção” que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação.” (HALL, 1996, p.68)

Na adolescência, esse processo é marcado por uma ebulição de idéias que acontece ao mesmo tempo em que as transformações corporais se mostram intensas. Tudo isso se apossa do adolescente independente de sua vontade, necessitando do respaldo familiar e social para a continuada formação de sua identidade. Conceituando adolescência Evelyn Eisenstein declarou que:

“Adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive. A adolescência se inicia com as mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida seu crescimento e sua personalidade, obtendo progressivamente sua independência econômica, além da integração em seu grupo social.” (EISENSTEIN , 2005, vl. 2)

Apreciando as afirmações da autora é possível considerar que os adolescentes lutam pela representação identitária, social e culturalmente determinadas, e pela estruturação da sua existência baseada nessa identidade, presente em inúmeros ambientes.

O aluno Rodrigo, em 2009 tinha 11 anos e passava pela transição, da infância para a adolescência, buscava sua aceitação pelos alunos da escola e, ao manipular suas fotografias, foi o único que realizou modificações em sua própria imagem e não somente no ambiente.



Fig. 01 – Rodrigo 01. Acervo pessoal. 2009.



Fig. 02 – Rodrigo 02. Acervo pessoal. 2009.

Beth Brait afirma que, para Mikhail Bakhtin, é na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem. O ser se reflete no outro, refrata-se. A partir do momento em que o indivíduo se constitui, ele também se altera, constantemente. E esse processo não surge de sua própria consciência, é algo que se consolida socialmente, através das interações, “integrando

em sua fala uma avaliação da situação, do contexto enunciativo, dos enunciados que já estão lá” (BRAIT, 1998, p 81).

Assim, “o sujeito enuncia e se enuncia”, organizando seu julgamento não como produto de caráter exclusivo, mas como produto de “uma comunidade de avaliações existentes no meio social para o qual o discurso se acha destinado” (Bakhtin, *apud Brait*, 1980, p.195).

Trata-se de um processo de autoafirmação, que costuma aparecer rodeado de conflitos e resistências, nos quais o sujeito procura conquistar a independência de uma identidade que possa representá-lo. Na abordagem acerca de identidade Stuart Hall declarou que:

“...identidade é resultado de relações sociais e de uma construção simbólica que se apóia em um determinado discurso, é também resultado da relação com outras identidades, por conta disso, é marcada pela diferença e, por estar envolvida em uma relação de poder, é disputada. Sendo assim, estamos convencidos de que as identidades são produzidas sempre com base em um referencial externo, por estratégias e interesses específicos e bem definidos, “são assim mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída de uma identidade em seu significado tradicional” (HALL, 2000, p. 109).

Entre as diferenças, as relações de poder e os referenciais externos supracitados podemos explicitar um ponto em comum, o diálogo. O diálogo é fundamental para o exercício desta construção além de exercitar o respeito à diversidade e à autonomia.

Rita Machado no livro “Dicionário de Paulo Freire” declara que somos seres culturais, portanto, seres dependentes, “Assim, ser autônomo é ter a capacidade de assumir essa dependência radical derivada de nossa finitude, estando assim livres para deixar cair as barreiras que não permitem que os outros sejam outros e não um espelho de nós mesmos.” (MACHADO, 2010, p. 53).

A autonomia não se dá, se conquista. Para ser autônomo há que se ter confiança, que se adquira através de uma boa preparação, e esta é decorrente do exercício da ação dialógica, papel que a escola, EPC/PROEM, assume e se propõe dentro do processo de resgate e reinserção, educacional e social. A autora completa citando o próprio Paulo Freire, que afirma que “É a autoridade do não eu, o do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu.” (FREIRE *apud*, 2007, p. 46).

A palavra adolescência está intimamente ligada a idéia de “transformação”. Entre as principais alterações pelas quais o adolescente passa, destacam-se o desenvolvimento do pensamento abstrato e formal, o estabelecimento da identidade sexual e a solidificação de amizades com a provável experimentação em grupo de bebidas alcoólicas, tabaco e, inclusive, drogas.

Acredita-se que as mudanças corporais, ao nível físico, são relativamente universais, com algumas variações. Um exemplo disso é a menstruação nas meninas, não se conhece cultura em que esse fato não ocorra, podem-se variar as datas mas nunca deixar de acontecer.

## **2.2. Cultura e identidade cultural**

Ao nascer, uma criança em seus primeiros instantes de vida, de certa forma, já inicia sua interação com o mundo, pois existem várias pessoas ao seu redor criando uma relação não só afetiva, como também social. Quando aprende a falar adquire uma língua materna, que é, sem dúvida, parte de uma herança cultural que vem acompanhada de uma tradição, costumes, rituais e alimentação, variando conforme o país.

De acordo com José Luiz dos Santos (2006) cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes. A partir dessa afirmação é possível considerar que o multiculturalismo está associado a produção de conhecimentos, comportamentos e pensamentos originando-se das relações interculturais.<sup>2</sup>

“O multiculturalismo, tal como a cultura contemporânea, é fundamentalmente ambíguo”(p. 85). A afirmação de Tomaz Tadeu da Silva pontua que o multiculturalismo é tanto uma reivindicação dos grupos culturais dominados assim como uma solução para os problemas que a presença de diferentes culturas dentro de um país pode ocasionar. Declarou que “De uma forma ou de outra, o multiculturalismo não pode ser separado das relações de poder que, antes de mais nada, obrigaram essas diferentes culturas raciais, étnicas e nacionais a viverem no mesmo espaço. (SILVA, 2004, p. 85).

Para SANTOS (2006) a diversidade das culturas existentes acompanha a variedade da história humana, expressa possibilidades de vida social organizada e registra graus e formas

---

<sup>2</sup> Os alunos que fazem parte do corpo discente da EPC/PROEM são oriundos das regiões administrativas e do entorno do Distrito Federal. São famílias de baixa renda e em sua grande maioria migraram de outros estados em busca de oportunidades. Essa diversidade de origens proporciona, dentro das interações que mantêm, um enriquecimento cultural diante da troca de experiências e informações. O nível de interação não se sustenta somente entre alunos, mas as trocas e aprendizados acontecem também nas relações professor/aluno.

diferentes de domínio humano sobre a natureza. Diferenças culturais geraram diferentes hábitos e costumes, viabilizando a construção de identidades culturais, movidas por sentimentos e valores, refletindo o conviver humano.

A questão das identidades advém da contestação ou justificação de alguns valores simbólicos e materiais que diversos grupos constroem e se apropriam em busca de definição e afirmação social e a construção de uma identidade cultural.

Márcia Chauvet (2008) afirma, diante de seus estudos (MEZAN, 1988, FREUD, 1933, BEIVIDAS E RAVANELLO, 2006) que identidade, além de poder ser caracterizada como um processo dinâmico, admite também o conceito de uma imagem que o sujeito possui de si mesmo. Esses autores propõem que a identidade designa ao sujeito um sentimento de permanência de si mesmo e que os discursos da cultura reforçam esse sentimento.

Sendo identidade cultural um conceito de trânsito intenso e tamanha complexidade, podemos, a partir das leituras realizadas, reconhecer a constituição de uma identidade em manifestações que podem envolver um amplo número de situações como a fala, as relações sociais, as produções imagéticas e os patrimônios simbólicos historicamente compartilhados, onde Hall assegura:

“Pelos termos desta definição, nossas identidades culturais refletem as experiências históricas em comum e os códigos culturais partilhados que nos fornecem, a nós, como um “povo uno”, quadros de referência e sentido estáveis, contínuos e imutáveis por sob as divisões cambiantes e as vicissitudes de nossa história real. Tal “unidade”, subjacente a todas as diferenças de superfície (...).”(HALL,1996, p. 68)

Hall, em suas recentes teorias culturais, questiona o conceito de identidade cultural que com o desenvolvimento da globalização, o avanço das transformações tecnológicas, econômicas e políticas, já não pode ser vista como sendo um conjunto de valores fixos e imutáveis que definem o indivíduo e a coletividade a qual ele faz parte mas sim com uma visão de natureza mais ampla e flexível.

Partindo dessas novas noções de identidade, podemos considerar que antigos temas relacionados à cultura que aparentavam completo esgotamento ganharam um novo fôlego interpretativo. Neste sentido, o conceito de identidade passa a ter caráter diferenciado em relação à identidade iluminista e sociológica, já que desarticula estabilidades e possibilita o surgimento de novas identidades que na visão do autor são abertas, contraditórias, plurais e fragmentadas (sujeito pós-moderno).

As identidades passaram a ser trabalhadas com definições menos rígidas que são contra a idéia de que uma população deve abraçar a sua cultura e garantir todas as formas possíveis de cristalizá-la e vão ao encontro às afirmações de Hall, de que:

“ Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”.  
(HALL, 2011, p 07)

Dessa forma, a partir da fala de Hall, presenciamos a abertura de novas possibilidades de entender o comportamento do homem com seu mundo, contexto no qual as novas identidades não têm um caráter apenas político, estão articuladas ou entrelaçadas em identidades diferentes. Esta nova estrutura permanece aberta em um jogo identitário, seja de caráter cultural, de classe, de gênero, de religião ou de nação, livres de princípios articuladores e centralizadores mas também sujeita a inúmeras influências.

A aluna Luana, 14 anos, ao ser questionada sobre as modificações que realizou em suas imagens afirma: “Mudei meu corpo porque, assim, no futuro eu quero ter uma profissão boa, ser modelo de capa de revista... Loira porque eu queria pintar o cabelo de loiro, só que eu acho que não fica legal”.

Fica evidente, na fala da aluna, a influência gerada pelas mídias corroborando as afirmações de Hall sobre os efeitos contraditórios da globalização sobre as identidades. Assim como, algumas identidades buscam resgatar sua tradição e a unidade, outras aceitam que estão sujeitas à tradução e incorporação de outras culturas, ao plano da história, da representação e da diferença.

### **2.3. Imagem Fotográfica**

Devido a sua subjetividade, definir a palavra imagem revela-se uma tarefa de difícil precisão, necessitando de aprofundamento em sua pesquisa, acerca da complexa relação que une imagem e realidade, bem como sobre as respectivas definições. Porém, independente da posição teórica adotada é comum o entendimento de que a imagem refere-se a representação de algo, assim como declara Martine Joly:

“O mais impressionante é que, apesar da diversidade de significações da palavra, conseguimos compreendê-la. Compreendemos que indica algo que, embora nem

sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que produz ou reconhece”. (JOLY, 2010, p. 13)

O texto da autora nos permite conceber a permissividade oferecida pela imagem. Da sua união com a realidade percebemos o surgimento de um caráter quase mágico, lúdico, no que tange ao ato de representar um objeto ou alguém. Talvez, a sociedade e, mesmo, os indivíduos, nunca tenham se importado tanto com a sua própria imagem, com a forma como o outro percebe e julga valorativamente de acordo com a imagem.

Importa, então, analisar a confusão que ronda o termo imagem que, freqüentemente é empregado de forma mistificada e materializado em expressões mercadológicas de “vender imagem” ou “passar imagem”, comumente utilizadas quando se referem a coisas que podem ser notadas (consciente ou inconscientemente) pelo sentido da visão ou adquiridas. Da mesma forma, uma descrição pode dar início a um processo de construção de imagens mentais. Para que se exemplifique o processo, apresenta-se um fragmento da crônica “Lição para pentear pensamentos matinais”, de Caio Fernando Abreu:

"Pensamentos, como cabelos, também acordam despenteados. Naquela faixa-zumbi que vai em 'slow motion' desde sair da cama, abrir janelas, avaliar o tempo e calçar chinelos até o primeiro jato da torneira - feito fios fora do lugar emaranham-se, encrespam-se, tomam direções inesperadas. Com água, mão, pente, você disciplina cabelos. E pensamentos? Que nem são exatamente pensamentos, mas memórias, farrapos de sonho, um rosto, premonições, fantasias, um nome. E às vezes também não há água, mão, nem pente, gel ou xampu capazes de domá-los. Acumulando-se cotidianas, as brutalidades nossas de cada dia fazem pouco a pouco alguns recuar - acuados e rejeitados - para as remotas regiões de onde chegaram. Outros, como cabelos rebeldes, renegam-se a voltar ao lugar que (com que direito?) determinamos para eles. Feito certas crianças, não se deixam engambelar assim por doce nem figurinha" (1996, p.81).

O trecho apresentado se associa a muitos dos anseios e dúvidas dos alunos quanto as suas imagens e aceitação do grupo em que estão inseridos, no entanto, deve-se observar que esse é apenas um dos sentidos assumidos pelo termo imagem que, também, pode ser

empregado para significar o conceito (idéia, opinião, juízo de valor) que se estabeleceu sobre algo ou alguém.

Em entrevista, sobre o trabalho realizado em 2009, questionei aos alunos se haviam colocado seus autorretratos no site de rede social, Orkut, o por que e se eles achavam importante as pessoas verem suas imagens. A aluna Luana respondeu que sim e completou: “Por causa que eu achei bonito, que ficou assim... legal, bem diferente. Queria mostrar pros outros verem, como é que ficou... Acho que sim né, comentar, falar se está bom”.



Fig. 03 - Luana 01. Acervo pessoal, 2009



Fig. 04 - Luana 02. Acervo pessoal, 2009

Podemos então admitir que é aqui que as imagens são arranjadas em enunciados que contemplam a cultura na qual estão inseridas e da qual são produto. Momento onde as estratégias da representação dos personagens são conectadas, ajustadas com as carências, as necessidades, os medos e os desejos dos adolescentes.

Na EPC/PROEM não é diferente, os estudantes, mesmo sendo oriundos de classes populares buscam as mesmas ferramentas tecnológicas, conceitos e signos de linguagem que fazem parte de uma estética global das mídias.

É válido advertir que desejar uma determinada imagem, não significa que ela se concretize de fato, os alunos projetam nos trabalhos suas expectativas para a vida realizando apostas para o futuro, como no exemplo da fotomontagem do aluno Carlos.



Fig. 05 – Sem título. Fotomontagem sobre papel, 29,7 x 42,0 cm, 2010.

Ao ingressar na EPC/PROEM apresentava inúmeras dificuldades cognitivas que refletiam em instabilidade emocional, comportamentos agressivos, resistência ao toque e a afetividade. Ao se destacar em atividades práticas como o esporte, manipulação da terra e arranjos florais foi capaz de perceber suas habilidades e potencialidades e assim reverter seu quadro de baixa autoestima e, paulatinamente recuperar a segurança e a confiança em si mesmo. Hoje o aluno, concluiu o ensino fundamental, está inserido no mercado de trabalho, é afetuoso, respeitado perante os grupos escolar e familiar e é referência de liderança positiva.

A produção do colaborador permeia questões comuns à adolescência, porém as particularidades do aluno se refletem nas imagens selecionadas. Por estar presente no desenvolvimento escolar dele, observei parte desse processo onde houve um amadurecimento quanto às relações interpessoais, estabilização emocional, as escolhas e o acolhimento das oportunidades.

Além de a composição refletir o momento atual de sua identidade, observa-se o cuidado com as conexões entre as imagens, a divisão da obra marcada por uma linha diagonal construídas por elas levando o olhar do expectador para cima. Os elementos naturais, como a água, são apresentados repetidamente podendo ser considerados como a representação de uma nova fase, o nascimento de um novo adulto.

Ana Mae Barbosa (2010), relembra a importância e necessidade da arte em duas etapas do desenvolvimento humano, a infância (momento da alfabetização) e a adolescência. Nesta última tendo em vista a necessidade de conquista de equilíbrio emocional. A autora cita um texto de Octávio Paz (p. 29):

“Todos, em algum momento, se nos revelou nossa existência como algo particular, intransferível e precioso. Quase sempre esta revelação se situa na adolescência. O descobrimento de nós mesmos se manifesta como um saber – nós sós; entre o mundo e nós se abre uma impalpável, transparente muralha: a de nossa consciência. É certo que basta nascermos para nos sentirmos sós; mas as crianças e os adultos podem transcender sua solidão e esquecer-se de si mesmos através do jogo ou do trabalho. Por outro lado, o adolescente, vacilante entre a infância e a juventude, fica suspenso um instante ante a infinita riqueza do mundo. O adolescente se assombra de ser. E ao pasmo sucede a reflexão: inclinado sobre o rio de sua consciência pergunta se este rosto que aflora lentamente do fundo deformado pela água, é seu. A singularidade de ser – mera sensação na criança - se transforma em problema e pergunta, em consequência interrogante.” (PAZ, 1977)

Seja deformada pela água, espelhada ou registrada fotograficamente a imagem é reveladora. Os enunciados existentes nas imagens fotográficas produzidas e nos resultados deste trabalho dialogam com os alunos e contribuem para um novo modo de olhar o mundo circundante.

Segundo Dubois a relação da imagem fotográfica com seu referente, ou com o real, no transcorrer dos tempos, desde os primórdios da fotografia aos dias atuais, pode ser lida sob três aspectos: 1, como espelho do real, o discurso da mimese, onde há semelhança entre a imagem fotográfica e o real; 2, como transformação do real, o discurso do código e da desconstrução, que modifica o capturado por meio de cortes, cores e enquadramentos, possibilitando assim uma transformação da realidade e 3, como índice, quando o retorno ao referente é eminente, ou seja, o referente adere. “A foto em primeiro lugar é índice. Só depois pode tornar-se parecida e adquire sentido.” (DUBOIS, 2010, p. 53).

Já sabemos que para cada imagem fotográfica há um discurso subentendido e que por fazerem parte de um conjunto imagético estão pré-dispostas a assumirem diferentes cargas simbólicas. Essas possíveis modificações dos significados simbólicos particulares para outros mais amplos, determina a perda de sua significação inicial. Embora o signo das imagens fotográficas permaneçam o mesmo quando de suas inserções na construção e legitimidade do discurso das obras, produzidas e analisadas no presente estudo, ela perde aquele valor simbólico de seu enunciado inicial. Neste momento, a obra adquire uma autonomia, provavelmente não pensada pelos alunos que as produziram.

#### **2.4. Do autorretrato a fotomontagem**

As tradicionais definições artísticas assumem um conceito engessado de que autorretrato é o retrato de rosto e torso que o artista faz dele mesmo, no entanto nos termos da arte contemporânea ele pode ser considerado como uma obra que retrata o artista como ele quer que o mundo o veja, como podemos perceber na obra de Arthur Omar abaixo.

Arthur Omar em sua exposição “Demônios, espelhos e máscaras celestiais” desconstrói o autorretrato se libertando dos cânones artísticos que permeiam a construção das autoimagens. O artista complementa e analisa sua produção artística com textos, conforme o trecho:



“Nesse momento, podemos sentir o peso das olheiras, como órgão autônomo, se soubermos como concentrar a atenção sobre isso. Podemos distinguir a pressão que o peso das olheiras descreve sobre o volume das bochechas, resultando numa leve curvatura, ou sensação de estufamento, talvez barroquizando um pouco o seu caimento clássico”. (OMAR, 1998, p.18)

Fig. 06 – Arthur Omar. Autorretrato com remoção total da face.

Ao representar a ausência<sup>3</sup> do eu em sua obra e desconstruindo seu autorretrato, o artista dialoga com as produções artísticas dos alunos que se valem de composições que fogem ao tradicional para compor um novo eu.

A contemporaneidade artística está sendo marcada por um intenso fluxo de questionamentos acerca da imagem, sobretudo da ressignificação da autoimagem. Isto não ocorre por acaso. A popularização do uso de tecnologias imagéticas e midiáticas provocou um maior contato e familiaridade com a própria imagem, é a busca por reconhecimento em nós mesmos através dessas representações. Essa liberdade criadora foi citada pela autora Kátia Canton quando afirmou que:

“Com o advento da fotografia, a pintura ficou liberada de sua missão de reproduzir fielmente a realidade, tanto no retrato, quanto em objetos e paisagens. Os artistas

<sup>3</sup> Ao desconstruir o autorretrato tradicional o artista propõe a não necessidade da existência física do “eu”.

ficaram, então, livres para criar, usando à vontade formas e cores em seus quadros, tornando visíveis, dessa maneira, também suas emoções.” (CANTON, 2004).

A liberdade criadora autoriza o artista a indagar sobre si mesmo, representar o que ele imagina, deseja ou idealiza ser, não apenas com o intuito de reproduzir-se ou ver-se registrado sobre um suporte qualquer, mas também realizar escolhas. Helena Pessoa (2006) defende que o autorretrato é um retrato feito por um indivíduo, de si próprio, é uma afirmação de presença.

No ato de se autorretratar o sujeito trata de si com um olhar intimista porém permissivo, onde oferece ao outro a conexão com um discurso autobiográfico visual. O autorretrato além de ser considerado como autoafirmação possibilita a autorreflexão. As obras da artista Frida Kahlo representam o autorretrato de caráter autobiográfico, além de mostrarem a imagem nos contam sua história e nos remetem as reflexões da própria artista.

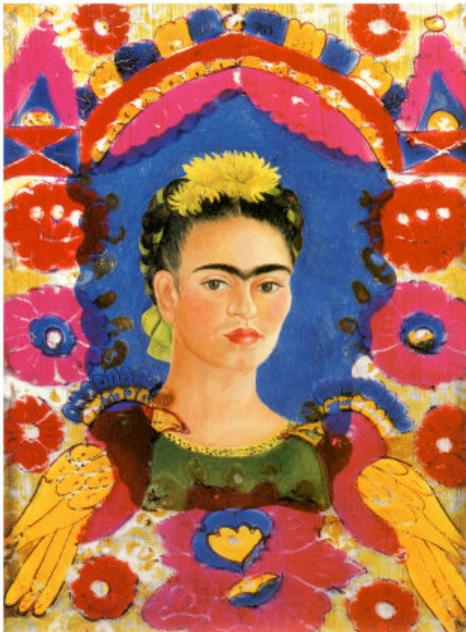


Fig. 07 - Frida Kahlo. Autorretrato, The Frame, cerca de 1938. Óleo sobre alumínio de vidro, 29 x 22 cm. Paris Musée National d'Art Moderne, Centre Georges Pompidou.

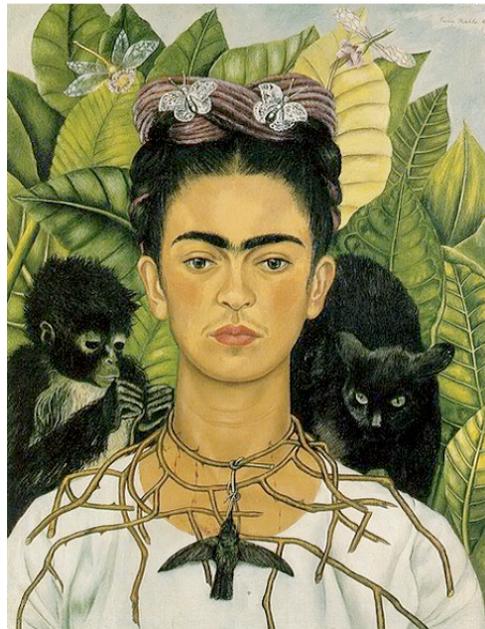


Fig. 08 - Frida Kahlo. Autorretrato com colar de espinhos, 1940. Óleo sobre tela, 63,5 x 49,5 cm. Austin (TX). Art Collection, The University of Texas.

Mariana Botti relaciona autorretrato como autoconhecimento, como necessidade social do indivíduo de debruçar o olhar sobre si mesmo, explorando como vê a si próprio e como se projetam em seus contextos sociais. Afirma que “No plano metafórico, o autorretrato é associado ao espelho, sendo muitas vezes considerado como um duplo: o “espelho do artista” (BOTTI, 2005, p. 21).

A proposta da oficina vai ao encontro destas afirmações. Os alunos se deparam com a construção da obra como um momento de enfrentamento da própria imagem e se tornam capazes de exprimir vontades, sentimentos, personalidades e até mesmo histórias. A compreensão do significado de algumas imagens e o motivo pelo qual foram construídas altera o conteúdo e amplia a sua visão.

Em sua produção a estudante e colaboradora Mariana analisou e refletiu seu trabalho em busca de alguns significados, para tanto afirmou:



“Nesse recorte que eu fiz essas coisas, eu coloquei eu no centro de tudo. Esse olho significa Deus olhando pra mim, a natureza, coisa que eu adoro, ao meu senso de humor. Essa parte branca representa a pureza que eu tenho e, essa parte colorida é eu, assim, em termos de alegria, felicidade, descontração, sou muito descontraída. Adoro cores, coisas coloridas e, esse aqui sou eu, literalmente eu, como eu sou, de todas as formas”.

Fig. 09 – Sem título. Fotomontagem sobre papel, 21,0 x 29,7 cm, 2011.

Segundo Chiarelli (2001), nos autorretratos fotográficos contemporâneos os artistas se valem de registros de si mesmos, sejam produzidos por eles próprios ou por outra pessoa, que serão manipulados posteriormente como se fossem imagens de pessoas desconhecidas, sem conexão nenhuma consigo. Porém, considerando que na atualidade os artistas se utilizam de uma infinidade de suportes, materiais, linguagens e meios, compondo imagens a partir de diferentes influências culturais, a arte segue em expansão, propiciando que o autorretrato assuma diferentes formatos, movimente-se pelos caminhos da arte, estando em constante renovação.

Por mais abstrata que pareça, a fotografia é sempre imagem de alguma coisa, além do que, tudo o que se vê parece estar ao alcance, pelo menos, diante do olhar de quem vê. Ainda assim, é válido lembrar que o autor manipula as fotografias e estabelece o que deve ser visto.

De acordo com Leite (1998), é possível, por dedução e síntese, obter informações que não se encontram diretamente visíveis na fotografia. Após uma leitura inicial, que seria um

exercício de identificação, a fotografia admite a interpretação, que resulta de um esforço analítico, dedutivo e comparativo.

Pensando nessas questões a oficina foi proposta para os alunos com intencionalidade criativa e de autoconhecimento, partindo de uma fotografia construíram um autorretrato fotomontado. Uma obra de caráter interrogativo uma vez que busca despertar no aluno, através da análise de si e do enfrentamento da própria imagem e sua manipulação, questionamentos sobre aceitação, desejos de mudanças, sobre onde está e até onde quer chegar.

Considerando as potencialidades da atividade, inclusive a criativa, Fayga Ostrower afirma que:

“Criar é basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse ‘novo’, de novas coerências, que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar.” (OSTROWER, 2005, p. 09)

A autora valida a fotomontagem como processo e resultado, quanto ao ato de se fazer uma composição fotográfica ao cortar e reunir um número de outras imagens, o que nos permite pensar no potencial criativo dessa técnica. A imagem que se constrói como composição é às vezes fotografada para que a imagem final seja convertida de volta ao formato fotográfico. Dessa forma a fotomontagem, que teve seu auge histórico nas décadas de 20 e 30, continua atual.

Realizando uma revista nas origens da fotografia Chiarelli (2011) citou Mário de Andrade, “...Mas toda pessoa que se mete a fazer fotomontagens, em pouco tempo fica habilitada a entender certas doutrinas artísticas da atualidade...” (ANDRADE, *apud*, 1987), onde este reconhecia a significância da fotomontagem como nova estética para o período modernista e para o artista uma nova posição criadora, assumindo papel deflagrador na construção de uma nova arte no Brasil e apontava, além do seu potencial de satisfação lúdica do produtor, o caráter didático que ela poderia assumir para o leigo entender “certas doutrinas” da arte moderna.

Philippe Dubois trata do caráter provocativo da fotomontagem nos fundamentos dadaístas e surrealistas. Metáforas, colagens e montagens marcaram as relações entre a fotografia e a arte moderna, para tanto o autor afirmou que:

“Marca física de uma presença, superfície abstrata e destacada de qualquer referencia espacial, a foto é também um verdadeiro material, um dado icônico bruto, manipulável como qualquer outra substância concreta (recortável, combinável etc.), portanto, integrável em realizações artísticas diversas, em que o jogo de comparações (insólitas ou não) pode exibir todos os seus efeitos.” (DUBOIS, p. 268, 2010)

De acordo com o que Dubois apresentou na citação acima podemos considerar que os alunos partiram do “bruto” fotográfico, e através de todo o processo de construção do trabalho, o transformaram em uma fotomontagem. Assumir a fotografia como ponto de partida questionador é acreditar no seu potencial transformador, que proporciona o autoconhecimento, e é justamente esse o objetivo principal da atividade proposta que será relatada.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1. Pesquisa - Ação

A oficina “Autorretrato fotomontado” é uma pesquisa que não poderia acontecer sem a contribuição dos alunos, pois, o que está em questão é o desenvolvimento dos mesmos, e somente sendo responsável por seu próprio progresso que o indivíduo é capaz de visualizar as mudanças que ele próprio conquistou. Por esse motivo optei por realizar uma pesquisa-ação, onde o sujeito, a partir de sua bagagem cultural, reconhece suas crises pessoais e o momento atual de seu desenvolvimento.

Michel Thiollent define pesquisa-ação como um tipo de pesquisa social com base empírica que seria concebida em estreita associação com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes estariam envolvidos de modo cooperativo. Para alguns, a pesquisa-ação é uma forma de engajamento sócio-político à serviço das classes populares. O autor completa seu discurso afirmando que “uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação”. (THIOLLENT, 2007, p. 17).

Entretanto, a procura do conhecimento da realidade não é suficiente, visto que outras metodologias também realizam essa tarefa. Na pesquisa-ação, o participante é conduzido à produção do próprio conhecimento e se torna o sujeito dessa produção.

De acordo com as afirmações da autora Teresa Haguete (1985) e com as experiências já vividas na escola em questão, é possível afirmar que, em determinados momentos da pesquisa, o processo educativo atinge todo o grupo envolvido, e este interage no processo ensino/aprendizagem, momento em que ambos tornam-se sujeitos do conhecimento, constituindo-se uma experiência de troca na busca da prática e do autoconhecimento.

Para Thiollent a pesquisa-ação, aplicada em ambiente educacional, promove a participação dos atores do sistema escolar em busca de soluções (p.81). A pesquisa-ação é autoavaliativa, isto é, as modificações introduzidas na prática são constantemente avaliadas no decorrer do processo de intervenção, conforme podemos perceber na fala do colaborador e aluno Rodrigo, de 14 anos, ao analisar as escolhas feitas em seu trabalho: “Eu queria passar a

mensagem de que eu sou muito alegre, porque antes eu era triste... porque antes eu era muito mau”.

Esta afirmação do aluno pode ser observada a partir dos elementos escolhidos para seu trabalho de fotomontagem. Ao inserir sua foto no contexto das imagens selecionadas, observa-se o diálogo entre o que consideramos alegre, triste e, sobretudo, mau. Em sua análise ele afirma que a imagem da cobra representa a fase em que ele se considerava mau. Ao questionar o aluno sobre as escolhas das imagens, afirmou que alguns elementos eram apenas para ornamentar a composição, que a opção pelo uso de três fotos suas era para sugerir o quanto, atualmente, é “alegre, brincalhão e divertido”.



Fig. 10 – Sem título. Fotomontagem sobre papel, 29,7 x 42,0 cm, 2011.

O colaborador chegou na EPC/PROEM apresentando um quadro de defasagem escolar e dificuldades para relacionar-se com os outros alunos e com os professores. Era disperso e resistente quanto as atividades que lhe eram propostas, tanto por inibição quanto por falta de interesse.

Baseada nas experiências vividas e no acompanhamento que tive de seu crescimento posso afirmar que, hoje, ele se permite participar de atividades culturais, projetos esportivos, e já não resiste aos trabalhos pedagógicos e curriculares ofertados. Apesar de lenta, sua recuperação e adequação idade e série está acontecendo de forma satisfatória para ele, que percebe-se como responsável por seu processo de crescimento.

Em sua produção podemos perceber que o colaborador retrata seu momento ainda de forma fragmentada, o fundo se destaca das imagens figurativas do primeiro plano, dispostas de forma aleatória. A composição é reflexo do momento do seu desenvolvimento, ainda em amadurecimento.

### 3.2. Contextualizando o espaço escolar

Em minha trajetória profissional tive a oportunidade de realizar inúmeras experiências educacionais, grande parte delas pautadas na arte. A motivação para o desenvolvimento dessas atividades consiste no fato de que sou professora e faço parte do corpo docente da Escola Parque da Cidade – Promoção Educativa do Menor – EPC/PROEM que atende adolescentes em situação de vulnerabilidade pessoal e social, defasados em idade e série e que necessitam de atividades diferenciadas, voltadas para a reintegração escolar e social.

Um dos princípios norteadores da Proposta Pedagógica da PROEM é abolir o conceito de repetência, respeitar o ritmo de aprendizagem do aluno e principalmente dar continuidade aos conhecimentos já adquiridos, com vistas a possibilitar o avanço nos estudos. É também objetivo da escola desenvolver as habilidades, potencialidades e criatividade dos estudantes, além de reforçar atividades e ações para resgatar sua cidadania, com aprovação em qualquer época do ano, conforme a afirmação de uma colaboradora: “Nem todas as escolas são o dia todo..., aqui você pode fazer muitas séries, quantas séries você quiser em um ano..., dependendo do aluno.” Luana, quatorze anos, falando sobre as diferenças entre a nossa escola e as demais escolas de ensino regular.

Na PROEM os docentes valorizam aquilo que os alunos trazem como bagagem sócio cultural prévia. Evitam rótulos buscando promover e resgatar autoestima dos adolescentes estimulando as autodescobertas. Os professores constroem juntamente com os alunos, uma relação baseada na afetividade, sensibilidade e proteção, incentivando-os a perceber seus valores e qualidades. A intenção é formar cidadãos, sobreviventes de uma condição de exclusão social e que por meio de seu sucesso pessoal possam reverter o quadro de marginalidade em que se encontram.

A Proposta Política e Pedagógica da PROEM é fundamentada basicamente na obra Pedagogia da Esperança de Paulo Freire (1997). O autor afirma que: " A leitura de mundo precede a leitura da palavra, (...) a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (FREIRE, 1997, p. 11 e 20).

A base para qualquer construção de conhecimento é adquirida vivendo. Respeita-se o educando não o excluindo da sua cultura, fazendo-o de mero depositário da cultura

dominante. Ao se descobrir como produtor de cultura, os homens se veem como sujeitos e não como objetos da aprendizagem.

A avaliação é praticada pautando-se nas conquistas adquiridas no cotidiano, e o processo ensino-aprendizagem se desenvolve com ações homogêneas e globais, o aluno é contemplado com o desafio de ser o sujeito protagonista de sua própria história e construir passo a passo sua cidadania.

Para Costa (2001), o termo protagonismo expressa “a participação de adolescentes no enfrentamento de situações reais na escola, na comunidade e na vida social mais ampla”, considerando-o como um método de trabalho cooperativo fundamentado na pedagogia ativa “cujo foco é a criação de espaços e condições que propiciem ao adolescente empreender ele próprio a construção de seu ser em termos pessoais e sociais”. Nesse sentido atribui ao aluno a condição de protagonista desse processo e, por essa razão, considera-o “como fonte de iniciativa (ação), liberdade (opção) e compromisso (responsabilidade)”.

O desenvolvimento integral do aluno é uma das metas prioritárias da escola, e para tanto, todas as suas ações são organizadas de modo a promover condições que favoreçam aplicação dos componentes curriculares previstos em lei acrescentando oficinas de: informática, meio ambiente, atividades desportivas, artísticas e culturais, atendimentos pedagógicos especiais, psicológicos e formação de bons hábitos sociais<sup>4</sup>, de higiene e fundamentos éticos e morais.

O Projeto Pedagógico da PROEM, pelo seu caráter inovador tanto na prática quanto na teoria requer avaliação e adaptações constantes para manter-se atual, fomentando novas experiências baseadas na transdisciplinaridade, que segundo Edgar Morin (2002), esta só é possível mediante as relações mantidas entre as disciplinas para proporcionar aos alunos, aos adolescentes que vão enfrentar o mundo do terceiro milênio, uma cultura, que lhes possibilitará articular, religar, contextualizar, situar-se e, se possível, globalizar, assim como reunir os conhecimentos que foram adquiridos em toda à sua vida. Para que isso ocorra o envolvimento e interesse de todos os segmentos é fator preponderante para a continuidade do processo.

Partindo da premissa que as atividades relacionadas ao esporte, a arte e informática são a base do trabalho de resgate e também o centro de interesse desses alunos, opto por trabalhos que além de despertar o interesse, possibilite um salto de qualidade no desenvolvimento de aspectos psicológicos, cognitivos e de aumento de confiança, que

---

<sup>4</sup> Tem-se por formação de bons hábitos sociais o entendimento de como comportar-se durante as refeições, hábitos de higiene e de tratamento social.

favoreçam a construção da identidade e a aquisição de conhecimento e domínio sobre novas tecnologias e suas aplicações, bem como a importância da arte como uma prática inclusiva.

Em 2009 realizei uma oficina de arte digital no qual todos estudantes da escola participaram. Consistia em uma atividade onde os alunos produziam autorretratos, sozinhos ou com ajuda dos colegas, e eram questionados sobre a própria imagem e a partir dessa percepção manipularam essas fotografias fazendo algumas alterações, tanto de cunho lúdico como também para simbolizar transformações. Analisando sobre o significado de imagem a autora Martine Joly afirmou que:

“Considerar a imagem como uma mensagem visual composta de diversos tipos de signos equivale, como já dissemos, a considerá-la como uma linguagem e, portanto, como uma ferramenta de expressão e de comunicação. Seja ela expresiva ou comunicativa, é possível admitir que uma imagem sempre constitui uma mensagem para o outro, mesmo quando esse outro somos nós mesmos.” (JOLY, 2010, p. 55)

O trabalho executado contempla as considerações da autora, uma vez, que os participantes, através das fotografias e das manipulações realizadas, puderam, diante do enfrentamento, reconhecimento e análise das imagens, e as mensagens enviadas pelas mesmas, ponderar sobre o momento e as mudanças pelas quais estavam passando.

Passados dois anos desta experiência, alguns alunos ainda fazem parte do corpo discente da escola, motivo pelo qual me senti motivada a convidá-los a realizar uma nova etapa desta atividade. Eles foram entrevistados a respeito das mudanças pelo qual passaram, dos valores que aprenderam e agregaram em suas vidas, do papel da arte no aprendizado além de construir novos autorretratos, dessa vez fotomontados, para representar o momento atual da formação de suas identidades.

Os resultados deste trabalho poderão ultrapassar os limites acadêmicos da diplomação ao ser implementado como um projeto que atende às necessidades da escola, tornando-se uma efetiva contribuição para a busca de abordagens inovadoras que propiciem o crescimento dos alunos.

Além de trabalhar competências como sensibilidade, autoexpressão e autopercepção, autonomia e iniciativa, a atividade busca o desenvolvimento do potencial criativo, o autoconhecimento e a formação continuada da identidade, todos fatores importantes para a reintegração social e escolar dos alunos, transformações metaforseantes comuns a todos adolescentes e metaforicamente defendidas por Daniel Becker, citado por Rita Melissa Lepre:

“Então, um belo dia, a lagarta inicia a construção do seu casulo. Este ser que vivia em contato íntimo com a natureza e a vida exterior, se fecha dentro de uma “casca”, dentro de si mesmo. E dá início à transformação que levará a um outro ser, mais livre, mais bonito (segundo algumas estéticas) e dotado de asas que lhe permitirão voar. Se a lagarta pensa e sente, também o seu pensamento e o seu sentimento se transformarão. Serão agora o pensar e o sentir de uma borboleta. Ela vai ter um outro corpo, outro astral, outro tipo de relação com o mundo.” (BECKER, *apud*, 1997, p. 14)

O trecho do texto de Becker vai ao encontro com a fala da aluna Carla: “Me viam como uma menina feia..., Não! Hoje em dia eu sou diferente... Eu sei que mudei muito!”.



Fig. 11 – Carla 01. Acervo Pessoal. 2009.



Fig. 12 – Carla 02. Acervo Pessoal.

A colaboradora apesar de, durante o processo de manipulação de sua imagem, não ter realizado grandes mudanças em si, colocou elementos dispostos de forma a esconder o fundo da fotografia acentuando sua imagem em primeiro plano. Completando a composição agregou o próprio nome, ato de autoafirmação e de valorização de sua identidade.

A proposta da Oficina vem atender as finalidades e pressupostos do projeto Político Pedagógico da PROEM, uma vez que se propõe a estimular a autodescoberta nos alunos, oferecer a oportunidade de se "re-descobrir" e assim como em outras modalidades de ensino trabalhadas na escola, essa atividade foi de caráter transdisciplinar, objetivando desenvolver diversas habilidades mas com o cunho de atividade de arte.

Acredito que a atividade será produtiva e prazerosa, no entanto é importante lembrar que o processo criador não é linear, e assim, não pode ser totalmente dirigido e controlado. O caminho das artes continua a ser um processo individual que nem sempre respeita os prazos previstos ou as expectativas de outros e do próprio artista. Este reconhecimento dos

obstáculos e desacertos como inevitáveis no processo criador pessoal leva a um desenvolvimento da criatividade e da tolerância, sendo fundamental ao trabalho do grupo.

### 3.3. Da teoria à produção

Considero que a arte é uma ciência que aproxima indivíduos e culturas, favorece a percepção, o reconhecimento e a aceitação das diferenças, expressas em cada um com singularidade. A arte na PROEM tem lugar de destaque e uma função importante a cumprir, ela situa o fazer artístico dos alunos como fator humanizador, cultural e histórico, no qual as características da arte podem ser percebidas nos pontos de interação entre o ato criador, a bagagem cultural, as descobertas e melhorias de cada um, que sempre trazem à tona formas de tornar desejos e sonhos em concreta realidade.

Acredito que arte não se trata de copiar a realidade ou obras, mas sim de gerar e construir sentidos e representações para sentimentos, desejos e necessidades. Pensando na experiência realizada em 2009, convoquei uma reunião com um grupo de vinte e dois alunos que ainda encontram-se na escola para convidá-los a participar da continuidade da atividade.

A partir dessa apresentação expliquei que o trabalho realizado foi ponto motivador para meu projeto de conclusão de curso e então propuz a oficina onde abri espaço para seus posicionamentos a respeito do tema do meu trabalho, da nova proposta e de suas participações.

Na conversa com os futuros colaboradores da pesquisa expliquei que as obras de arte são representações culturais de cada época, são produtos singulares da imaginação humana cujo os sentidos são construídos pelos indivíduos a partir das experiências vividas e que uma obra de arte é capaz de efetivar uma composição que suscita grande número de lembranças e significados.

Assim o trabalho de arte e também desta oficina, envolve não apenas uma atividade livre de produção artística, mas um compreender a si mesmo, o que se faz e o ato criador, através do desenvolvimento da percepção estética e do conhecimento do contexto histórico em que foi feita a obra. Aqui, a arte será tratada como um objeto de autoconhecimento, criada pelos alunos e dentro de um conjunto de relações.

Durante esse **primeiro encontro** relembramos o processo da atividade anterior, revimos os trabalhos construídos e os alunos posicionaram-se a respeito de suas percepções sobre o que haviam produzido, os sentimentos que permeavam suas idéias na época, assim como seus anseios juvenis quanto ao futuro.

Para que a participação dos alunos fosse efetivada, entreguei um documento para que o responsável autorizasse a produção de fotografias e a manipulação das mesmas, assim como a apresentação dos resultados fora do âmbito escolar, na UNB, para os professores da banca examinadora da Diplomação.

Em um **segundo encontro**, já de posse de algumas autorizações, convoquei o grupo (já apresentando uma considerável diminuição no número de participantes, atentando para os que não aceitaram participar da atividade) para realizarmos a produção fotográfica.

A pedido dos alunos foi dado um tempo para que eles pudessem se organizar e produzir suas imagens já com algumas modificações, maquiagem, cabelo, vestuário e acessórios para complementar o visual.

Após a breve produção os alunos escolheram os locais onde queriam ser fotografados. Solicitei que pensassem em retratos com posições diversas, mas, envergonhados e influenciados uns pelos outros, as poses não foram muito variadas, porém alguns alunos se permitiram brincar diante da câmera e também se deixaram fotografar mais vezes.

O **terceiro encontro** foi marcado pela revisão teórica de alguns temas como retrato, autorretrato e fotografia, que já haviam sido vislumbrados em outros momentos. Para enriquecer e complementar a revisão apresentei slides com imagens das obras de três artistas introduzindo o conceito de fotomontagem.

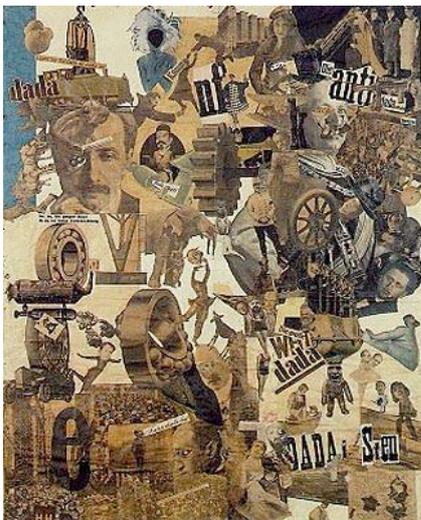


Fig. 13 - Hannah Hoch  
Corte com a faca de cozinha, 1919.  
Colagem de papéis,  
90 x 144 cm. Staatliche Museen,  
Berlim.



Fig. 14 - Grete Stern. Sem  
título. Publicação: Idilio n.31,  
21 jun. 1949. 28,2 x 21,5 cm.  
Apresentar também a minha produção artística  
Os sonhos sobre triunfo e  
realização, na disciplina Ateliê 1, junto a universidade em  
junho de 2010.



Fig. 15 - Martha Rosler.  
Lounging woman  
casa: Bela casa,  
junho de 2010.

2010, que tratava da construção de autorretratos

autobiográficos fotomontados e que serviriam de referência à atividade que eles iriam realizar.



Fig. 16 - Teresa, impulso criativo.  
Fotomontagem sobre papelão,  
2010.



Fig. 17 - Ingrid, natureza viva. Fotomontagem sobre  
papelão, 2010.

A partir das conversas, imagens visualizadas e de posse das fotografias impressas, alguns alunos solicitaram a produção de novas fotos para que se sentissem mais livres durante o processo criativo e concluindo o terceiro encontro todos realizaram pesquisa e seleção de imagens em revistas e também o planejamento da fotomontagem.

A arte acompanha o desenvolvimento humano desde os tempos mais remotos e seu lugar na escola é inquestionável, tendo em vista que é neste ambiente que o adolescente constrói as estruturas da futura vida adulta. Para tanto, foi utilizado, durante a atividade, a triangulação proposta pela autora Ana Mae Barbosa, onde esta declara que:

“Há muita apropriação adequada da Proposta Triangular por professores de outras áreas. Como essa proposta não se baseia em conteúdos, mas em ações, é facilmente apropriada a diversos conteúdos. A Abordagem Triangular corresponde aos modos como se aprende, não é um modelo para o que se aprende.” (BARBOSA, 2010, p. XXVII)

Dessa forma, orientada pela fala da autora é possível afirmar que o trabalho que envolve a concepção em artes, portanto, é um processo de articulação da experiência, de significação da relação do indivíduo com o meio e consigo mesmo. E é nesse processo de articulação e ordenação, que o potencial criador dialoga com as experiências anteriormente

acumuladas pelo sujeito da ação, relacionando o antigo com o novo, através de uma transformação que respeita a especificidade do sujeito e o objeto a ser conhecido, dando-se aí uma aprendizagem por experiência significativa.

Essa relação dialógica e interativa é reafirmada no argumento da Artista e autora Fayga Ostrower quando declara que:

“A percepção de si mesmo dentro do agir é um aspecto relevante que distingue a criatividade humana. Movido por necessidades concretas sempre novas, o potencial criador do homem surge na história como um fator de realização e constante transformação. Ele afeta o mundo físico, a própria condição humana e os contextos culturais. (OSTROWER, 2005, p. 10)

A autora embasa a oficina proposta no que diz respeito a criatividade e os processos de criação. A imaginação criadora permite conceber situações novas, idéias e articular os sentimentos em imagens, textos, música, dança e movimento. Esta faculdade de imaginar está na raiz de qualquer processo de conhecimento, seja ele científico, artístico ou técnico.

No **quarto encontro** os alunos construíram a fotomontagem, manuseando os retratos e o material previamente selecionado no último encontro, cada um em seu processo porém, em contínua interação uns com os outros. Neste encontro o grupo de alunos ficou dividido, alguns produziram no matutino e outros no vespertino, pois alguns deles são jovens trabalhadores e só estudam em um período.

Este é o caso de Ricardo, que veio de uma cidade do interior baiano, Bom Jesus da Lapa, com transferência direta para a EPC/PROEM, no segundo ano do Ensino Fundamental. Apresentava timidez, um jeito interiorano e simplório. Era um aluno afetuoso e educado com todos. Ele tinha consciência de sua defasagem e por conta disso uma grande vontade de superação.

Destacou-se em atividades desportistas, participou de inúmeros projetos oferecidos na escola e abraçou a oportunidade de capacitação profissional como Florista. Hoje com 17 anos e, a partir de seu próprio empenho, encontra-se no oitavo ano e divide seu tempo entre a escola e o trabalho.

O aluno, durante o período em que está na escola, amadureceu, melhorou a autoestima, provocando mudanças em seu comportamento. É vaidoso e cuidadoso com sua

imagem, apesar de ainda mostrar timidez em algumas situações. A religiosidade também foi importante na formação de seu caráter.



Fig. 18 – Sem título. Fotomontagem sobre papel, 29,7 x 42,0 cm, 2011.

A composição do aluno é marcada pela repetição de sua imagem, que constrói uma espécie de moldura. O olhar do espectador é levado para o canto superior direito, onde há uma concentração de diferentes elementos desequilibrando a obra e, a grande imagem figurativa que encontra-se em primeiro plano, localizada no lado direito a divide em duas partes, figura e fundo. O ponto focal está localizado no centro, representado por um círculo com o rosto do aluno.

Analisando a obra deste aluno, nota-se que ele refletiu sobre os pontos marcantes de sua personalidade antes de passá-las para o papel. O mesmo pode ser dito em relação ao restante da turma, uma vez que o quarto encontro foi marcado por muitas análises. Os alunos, ao passo que visualizavam o trabalho tomando forma, já faziam comentários e autoavaliações, livres de minha mediação. Esta etapa da atividade foi marcada por muitas análises.

Para concluírem a atividade solicitei que cada um ponderasse seu trabalho através da gravação de um vídeo acerca dos desejos ali depositados, das escolhas de cores, imagens e palavras e também sobre a postura diante dos problemas e conflitos vividos na adolescência. Apenas quatro alunos aceitaram realizar essa etapa da pesquisa devido a timidez.

#### 4. REFLETINDO SOBRE OS AUTORRETRATOS FOTOMONTADOS

A EPC/PROEM além de ser uma escola diferenciada dentro da Secretaria de Educação, apresentou neste ano de 2011 inúmeros problemas de ordem estrutural, tanto física quanto administrativa, impedindo a realização da idéia inicial do projeto, que utilizaria o laboratório de informática, os computadores conectados à internet, como instrumentos de realização e construção das produções.

A oficina foi proposta para o grande grupo de alunos, porém devido aos problemas acima citados, a frequência irregular e a outras características próprias dos estudantes atendidos na PROEM o número de participantes foi reduzido. Além de contar com essa questão, já estava preparada para as possíveis resistências comumente apresentadas por eles.

A atividade foi realizada em sua totalidade apenas por três alunas. Elas foram entrevistadas, participaram de todos os encontros e ao final permitiram a gravação da análise de seus trabalhos prontos.

A colaboradora Carla, na época em que ocorreu a primeira oficina, estava com 12 anos, no terceiro ano do Ensino Fundamental. Ela e seus três irmãos viviam com a mãe e haviam, há pouco tempo chegado de uma cidade do interior da Bahia. Ela sofreu um choque cultural ao ingressar na escola, o vocabulário, o vestuário, as brincadeiras eram de uma criança interiorana o que inicialmente a inibia, prejudicando seu relacionamento interpessoal.

A aluna sempre foi caprichosa, e nunca demonstrou resistência às propostas de atividades, porém, mantinha-se nos bastidores, pois tinha vergonha de expor sua imagem. Apesar de esforçada e participativa, apresentava autoestima baixa, falta de confiança, dificuldade de aprendizagem e instabilidade emocional. Participou do projeto de canoagem e de iniciação profissional no curso de Florista. Hoje, com 16 anos e após muitas mudanças e descobertas sobre si mesma, aceitou prontamente em participar da nova etapa da oficina.

Para construir sua composição, assim como os outros alunos, fez uma escolha prévia das imagens para a produção da fotomontagem, entretanto, no último encontro, abandonou essa seleção e realizou uma nova. Ao passo que encontrava novas figuras, já as colava, como

se estivesse com um novo planejamento mental, reelaborou seus pensamentos. Selecionou imagens e palavras que faziam referências as suas ambições profissionais.



Fig. 19 – Sem título. Fotomontagem sobre papel, 29,7 x 42,0 cm, 2011.

Analisando a produção, foi possível verificar o cuidado com a construção e diferenciação entre fundo, figuras menores e sua foto em tamanho maior, dividindo-a em três planos. O ponto focal da obra está justamente na foto do primeiro plano, seu rosto. A forma como distribuiu as imagens proporcionou um certo equilíbrio, elas estão dispostas por toda a superfície do trabalho e levam o olhar do expectador a construir um caminho em forma de espiral, seguindo da esquerda para a direita.

Ao concluir o trabalho analisou sua obra com desenvoltura, sem inibição e determinada quanto às suas expectativas. Afirmou que pensou nas cores, e seus significados, para compor o fundo, e também que aquele espaço não era suficiente para tudo o que gostaria de discorrer como podemos perceber em sua fala: “É o que eu quero ser, é o que está aqui,

não só o que está aqui, não coloquei tudo aqui, mas é o bastante para entender o que eu quero ser daqui para frente”.

Já no trabalho da aluna Mariana podemos perceber que ela ainda não tem definidas suas ambições profissionais e as imagens depositadas em seus dois trabalhos apresentam dicotomias quanto a sua imagem. Em um dos trabalhos retrata como ela é e se vê, no outro fala da relação com os pais e a imagem que quer passar a partir das influências dadas por eles, como se sua identidade estivesse dividida e confusa, uma imagem para a família e outra para a sociedade. Apesar desta dicotomia, este é um dos poucos casos, dentro da escola, em que a família é estruturada, se faz presente e participante, dando diretrizes e bases sólidas para que a aluna construa sua identidade.

A colaboradora ao chegar na escola, com 12 anos, não apresentava problemas quanto a sua autoestima e aceitação de sua imagem, percebia seu processo de crescimento e passagem da fase de criança para a adolescência. Estava defasada, no quinto ano do Ensino Fundamental, tinha dificuldades de aprendizado mas era caprichosa e dedicada.

Ao se deparar com uma escola que oportunizava o reconhecimento de todas suas outras qualidades, ao invés de reforçar suas deficiências, foi capaz de reverter, no tempo dela, o quadro. A aluna não foi só colaboradora neste projeto, é ativa dentro do contexto escolar e é um exemplo positivo de liderança feminina. Concluirá este ano o Ensino Fundamental, com 15 anos e iniciará em 2012 o Ensino Médio, corrigindo a distorção idade e série.



Fig. 19 – Sem título. Fotomontagem sobre papel, 29,7 x 42,0 cm, 2010.

Analisando a sua obra podemos perceber o cuidado com a construção, planejamento e seleção de imagens, que foi realizada baseada em planejamento prévio, os pensamentos que rondam a cabeça da adolescente, as vontades, as proibições e comportamentos impostos pela sociedade e pela família. Mairana esclarece em sua análise que:

“Essa daqui significa eu subindo num pódio com a ajuda dos meus pais. Essas palavras atrás significam todas as coisas boas que meus pais me disseram, coisas que meus pais me ensinaram a fazer, coisas boas, coisas erradas, que eles sempre tiveram a capacidade de me ajudar, de me ensinar”

Através da fala da aluna reconhecemos anseios próprios das relações entre adolescentes e pais e, sobre as expectativas de ambos.

A aluna dividiu o trabalho em duas partes, elas dialogam porque o lado esquerdo apresenta um movimento que vai do canto superior para o centro da obra onde encontra-se o ponto focal (caveira com peruca) e de onde é justamente que começa o outro movimento, circular (sentido horário), do lado direito, passando pela borda das imagens e terminando na última delas. O “balão” de imagens criado pela estudante faz ligação com a imagem do pódio onde podemos traçar uma linha imagiária, marcando o trabalho com uma outra divisão, desta vez em formato de “X”.

Podemos analisar a imagem do pódio como uma alusão ao momento atual de conquista da colaboradora. Ela afirma que, dentre as imagens selecionadas, referentes a seus pensamentos, estão inseridas coisas boas e ruins e, completa sua análise admitindo o conflito mas diz que irá superar.

O amadurecimento de Mariana aconteceu de uma forma natural, diferente da colega Luana que, dentre as três colaboradoras que participaram de todo o processo, é a mais nova, e apresenta os maiores conflitos da adolescência.

Ao ser matriculada no quarto ano do Ensino Fundamental, com 11 anos, apresentava problemas quanto ao aprendizado, atenção e insegurança. Sentia a necessidade de imitar a irmã mais velha que também estudava na escola e acabava por se espelhar na maneira de se vestir, comportamento e companhias, atitudes normais a qualquer criança, porém isto fez com que a aluna desse um salto brusco da infância para a adolescência, aumentando sua dispersão, e sendo influenciada facilmente por colegas mais velhos.

Dentro da escola a aluna nunca apresentou muito interesse em participar de oficinas, cursos, gincanas e atividades coletivas, uma apatia que comprometeu seu desempenho em sala

de aula. Em alguns momentos se permitia um envolvimento um pouco maior em relação ao aprendizado, mas tanto por problemas administrativos quanto por seus conflitos juvenis (amizades e relacionamentos) oscilava seu desempenho, tornando seu processo de desenvolvimento muito mais lento.

Sua condição de instabilidade é demonstrada em seu trabalho através de suas escolhas e mudanças realizadas em sua imagem. Quando questionada a respeito delas, a aluna afirmou que: “Mudei meu corpo porque assim no futuro eu quero ter uma profissão boa, ser modelo de capa de revista”.

A alteridade marca a passagem pelo período de desenvolvimento estudado na presente pesquisa, e analisando a produção da colaboradora percebemos claramente, a inconstância quanto a suas escolhas. Selecionou duas imagens figurativas e posicionou seu rosto, mudando não só seu corpo como também o seu cabelo.

Analisando formalmente seu trabalho podemos visualizar claramente uma divisão marcada pelo fundo de cores e estampas diferentes, como se fossem dois trabalhos diferentes.



Fig. 21 – Sem título. Fotomontagem sobre papel, 29,7 x 42,0 cm, 2010.

O lado esquerdo apresenta cores sóbrias e um movimento que começa na imagem dos olhos, ponto focal, descendo em linha reta. Os outros elementos ali depositados não mantêm conexão com a figura central, nem com o fundo. O lado direito é marcado por cores vivas e duas imagens figurativas. A partir do ponto focal, os óculos, traça-se uma linha diagonal para

baixo, em direção a figura posicionada no canto inferior direito. Pensando na obra como um todo, podemos encontrar uma linha, também diagonal, que corta o trabalho, da imagem localizada no canto superior esquerdo para a imagem do inferior direito.

Hoje Luana está no sexto ano do Ensino Fundamental, ainda não conseguiu diminuir seu quadro de defasagem escolar, apresenta problemas graves que atrapalham o desenvolvimento e construção de sua identidade. É afável e educada com todos e acredito que essas características serão de fundamental importância para resgatar sua autoestima e a confiança em si própria.

## 5. CONCLUSÃO

*"Não existe alguém demasiadamente forte que responda 'quem sou eu' sem se perder"  
(Clarice Lispector)*

A presente pesquisa está inserida entre inúmeros trabalhos realizados, na EPC/PROEM, objetivando resgatar, confortar, receber e oferecer a possibilidade de reinsserção a adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade pessoal e social, através da educação.

Por meio deste projeto, procurei analisar a aquisição de identidade como um processo de transformação, polêmico e complexo, refletido em construções e desconstruções da autoimagem dos partícipes num período de dois anos letivos.

Não se pode discorrer sobre um aspecto, identidade, sem o aprofundamento sobre a vida de quem busca sua construção. É nessa permanente condição de mutação que o adolescente se torna capaz de se autorrepresentar, se encontrar e se perceber como pertencente ou não, de um contexto.

Este projeto faz parte de inúmeros trabalhos realizados, na EPC/PROEM, objetivando resgatar, confortar, receber e dar oportunidades para adolescentes que foram excluídos do universo social e educacional.

O conflito e suas manifestações são próprios da adolescência. O jovem, ainda sob forte influência do modelo adulto e, até mesmo por isto, passa a questioná-lo transferindo e delegando a seus pares a autoridade "negada" aos pais, professores e/ou figuras substitutivas de ambos.

Nesta fase, os sentidos sobre si mesmo vão se produzindo a partir dos significados que o grupo social de referência lhes atribui. Ou seja, o "eu" constitui-se a partir do "olhar" da alteridade, significante este, representativo como demarcação, capaz de dar sustentação à construção da identidade.

Esta ruptura, do domínio adulto, quase um luto, se constitui num processo sofrido, e, se faz necessária na construção da personalidade do sujeito se, estes referenciais rompidos momentaneamente, estiverem bem sedimentados, servindo de ponte para religá-lo, futuramente ao mundo adulto, novo para ele, ou seja sob novas perspectivas,

O processo de busca do autoconhecimento exige uma maturidade psicossocial, ainda em formação. Como foi discorrido acima, a maioria dos educandos da instituição de ensino onde se efetuou esta pesquisa apresenta um histórico conturbado por violências físicas, psicológicas e simbólicas.

Com sucessivas perdas e abandonos desde a infância, chegaram à adolescência com marcas indeléveis e, lacunas em suas formações. Se houve um hiato na infância, muitas vezes a adolescência é "abortada" e/ou abreviada por acontecimentos tais como, maternidade/paternidade prematuras, afastamento do convívio social por um período significativo (medidas socioeducativas) e, mesmo, pela morte prematura.

A presente pesquisa iniciou-se em 2009. A partir da premissa que o desenvolvimento da identidade é contínuo, ofereci aos alunos, em 2011, uma oportunidade de retomarem perceberem as mudanças pelas quais passaram, seus amadurecimentos e conquistas ao longo deste período. Os colaboradores foram autores de suas auto análises, enfrentaram suas imagens e as desconstruíram para construir. Cabe ainda salientar que, a construção identitária da personalidade de cada um dos partícipes se faz paulatinamente.

Espera-se, no ambiente escolar, que o jovem busque identificações que favoreçam a construção de expectativas para o futuro, sonhos, formação de opinião, contato com novas informações, possibilitando, o auto-conhecimento e desenvolvimento de suas potencialidades, permitindo a criação de algo novo e, a partir deste "movimento", tornar-se consciente de seus alcances e limitações que são próprios da condição humana. Sabe-se que qualquer estudo abre janelas para novas reflexões.

Pude reafirmar, por meio desta pesquisa, que a arte pode ser utilizada como instrumento pedagógico que estimule os alunos ao autoconhecimento. O Autorretrato Fotomontado permitiu que os jovens refletissem sobre suas imagens e ao mesmo tempo, percebessem as mudanças pelas quais passaram. Foi possível também uma análise dos momentos vividos até a presente data, as derrotas e vitórias de cada um, esse balanço da vida real permite que a busca por mudanças seja possível.

Este estudo está compreendido em um movimento de busca pela construção da identidade, portanto considero que esta não é apenas uma conclusão, mas sim parte do processo, que necessita de constante reflexão, retomada da memória com vistas ao futuro.

## 6. REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Pequenas epifanias**. Porto Alegre: Sulina, 1996.

ANDRADE, Mário, “Fantasias de um poeta”. In Suplemento em Rotogravura n.146, O Estado de São Paulo. 1a. Quinzena, nov.1939. Republicado em: Ana Maria Paulino (org.). O Poeta insólito: fotomontagens de Jorge de Lima São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo,1987, p. 9-10.

BAKHTIN, Mikhail. **O freudismo**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 12ª Ed., 2010.

BECKER, Daniel. **O que é adolescência?** São Paulo: Brasiliense, 1997.

BEIVIDAS, W & RAVANELLO, T. **Identidade e Identificação: entre semiótica e psicanálise**. Alfa, São Paulo, v. 50, n.1, p. 129-144, 2006. Disponível em:<[http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50/10\\_BEIVIDAS.pdf](http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50/10_BEIVIDAS.pdf)>

BOTTI, Mariana Meloni Vieira. **Espelho, espelho meu?** Auto-retratos fotográficos de artistas brasileiras na contemporaneidade. Campinas, SP: [s.n.], 2005. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000385496&fd=y> Acesso em: 25 outubro de 2011.

\_\_\_\_BRAIT, Beth. **Sujeito e Linguagem: A Constitutiva Alteridade**. Cad.Est.Ling., Campinas, (35):77-93, Jul./Dez. 1998. Disponível em:

<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/cel/article/viewFile/1615/1190> Acesso em: 04 de dezembro de 2011.

CANTON, Katia. **Espelho de artista: auto-retrato**. 3ª Ed. São Paulo: Cosac e Naif, 2004.

\_\_\_\_\_**CHIARELLI, Tadeu. Identidade/ não-identidade: a fotografia brasileira hoje**. In: Arte internacional brasileira. São Paulo: Lemos-Editorial, 1999. (p. 132 à 140)

CHIARELLI, Tadeu. "**O autorretrato na (da) Arte Contemporânea**", in: **Deslocamentos do Eu: O Autorretrato Digital e Pré-Digital na Arte Brasileira (1976-2001)**. Catálogo da exposição realizada, de 17 de agosto a 5 de outubro de 2001, no Itaú Cultural Campinas.

\_\_\_\_\_**CHIARELLI, Tadeu. A Fotomontagem Como “Introdução à Arte Moderna”**: **Visões Modernistas sobre a Fotografia e o Surrealismo**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/cap/ars1/afotomontagem.pdf> Acessado em: 10 de novembro de 2011.

COSTA, A. C. G. **Tempo de servir: o protagonismo juvenil passo a passo; um guia para o educador**. Belo Horizonte: Universidade, 2001.

**Dicionário Paulo Freire** / Danilo R. Streck. Euclides Redin, Jaime José Zitkoski, (orgs.) . – 2ª Ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 13ª Ed., 2010.

\_\_\_\_\_**EISENSTEIN E. Adolescência: definições, conceitos e critérios** . Adolesc. Saude. 2005; 2 (2):6-7

FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia saberes necessário à pratica educativa**. 36ª Ed. São Paulo: Paz Terra, 2007.

\_\_\_\_\_. (1933). **Dissecação da personalidade psíquica**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

HAGUETE, Teresa M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987, 163p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª Ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

\_\_\_\_\_. HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.24, p.68-75, 1996.

JOLY, Martine. Introdução á análise da imagem/ Martine Joly; tradução Marina Appenzeller – Campinas, SP: Papyrus, 1996.

LEITE, Mirian Moreira. **Retratos de Família: Leitura de Fotografia Histórica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. – (Texto & Arte; vol. 9).

\_\_\_\_\_. LEPRE, Rita Melissa. **Adolescência e construção da identidade**. 2007.

MEZAN, R. **A vingança da esfinge. Ensaios de psicanálise**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar e reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

MORIN, Edgar. **Educação e Complexidade: Os setes saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2002.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação** - Editora Vozes, RJ, 19ª Ed., 2005.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1985.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade & inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SANTOS, José Luiz dos. **0 que é cultura**. 12<sup>a</sup>

reimpr. da 16<sup>a</sup> Ed. de 1996. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006, 110 p.

\_\_\_\_\_ **Quem precisa de identidade?** In SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-33.

PAZ, Octávio. *El Laberinto de la soledad*. Madrid: Fondo de Cultura Economica de España, 1977.

\_\_\_\_\_ KRUEGER, Magrit Froehlich. **A relevância da afetividade na educação infantil**. Disponível em: <http://www.icpg.com.br/artigos/rev03-04.pdf> Acessado em 25 de outubro de 2011.

## 7. ANEXOS

### 7.1. Índice de figuras

Fig. 01 – Rodrigo 01. Acervo pessoal. 2009.

Fig. 02 – Rodrigo 02. Acervo pessoal. 2009.

Fig. 03 – Luana 01. Acervo pessoal, 2009.

Fig. 04 - Luana 02. Acervo pessoal, 2009

Fig. 05 – Sem título. Fotomontagem sobre papel, 29,7 x 42,0 cm, 2010.

Fig. 06 – Arthur Omar. Autorretrato com remoção total da face.

Fig. 07 - Frida Kahlo. Autorretrato, The Frame, cerca de 1938. Óleo sobre alumínio de vidro , 29 x 22 cm. Paris Musée National d'Art Moderne, Centre Georges Pompidou.

Fig. 08 - Frida Kahlo. Autorretrato com colar de espinhos, 1940. Óleo sobre tela, 63,5 x 49,5 cm. Austin (TX). Art Collectian, The University of Texas.

Fig. 09 – Sem título. Fotomontagem sobre papel, 21,0 x 29,7 cm, 2011.

Fig. 10 – Sem título. Fotomontagem sobre papel, 29,7 x 42,0 cm, 2010.

Fig. 11 – Marina 01. Acervo Pessoal. 2011.

Fig. 12 – Carla 03. Acervo Pessoal. 2011.

Fig. 13 - Hannah Hoch. Corte com a faca de cozinha, 1919. Colagem de papéis, 90 x 144 cm. Staatliche Museen, Berlim.

Fig. 14 - Grete Stern. Sem título. Publicação: Idílio n.31, 21 jun. 1949 - 28,3 x 21,5 cm Os sonhos sobre triunfo e dominação.

Fig. 15 - Martha Rosler. Lounging woman. Trazendo a guerra para casa: Bela casa. Nova série, 2004.

Fig. 16 - Teresa, impulso criativo. Fotomontagem sobre papelão, 2010.

Fig. 17 - Ingrid, natureza viva. Fotomontagem sobre papelão, 2010.

Fig. 18 – Sem título. Fotomontagem sobre papel, 29,7 x 42,0 cm, 2010.

Fig. 19 – Sem título. Fotomontagem sobre papel, 29,7 x 42,0 cm, 2010.

Fig. 20 – Sem título. Fotomontagem sobre papel, 29,7 x 42,0 cm, 2010.

Fig. 21 – Sem título. Fotomontagem sobre papel, 29,7 x 42,0 cm, 2010.

## **7.2. Plano de aula**

Na era da ebulição e bombardeio imagético começamos a questionar como reconhecer e aceitar nossa própria imagem. Todos querem registrar a vida e mostrá-la, mas como a criança e o adolescente são capazes de fazer isso quando muitas vezes já nem se reconhecem diante do espelho.

A busca de uma identidade própria é de extrema importância para a autovalorização do indivíduo. Não se ama o que não se conhece e não se dá valor ao que não se ama. E é aí que está a base temática deste planejamento, a construção e a conquista de uma identidade pessoal através do autorretrato fotomontado.

O projeto Autorretrato Fotomontado se propõe a analisar o processo de desenvolvimento e construção da identidade de alunos do Ensino Fundamental, da escola EPC/PROEM. Tendo isso, será um dos objetivos desenvolver a sensibilidade artística por meio da observação, imaginação e fantasia a partir da exploração e experimentação de diversas linguagens, técnicas, suportes e materiais e também a análise, interpretação e valorização de suas produções artísticas (PCN pág 11, 12)

O estudante, ao ser capaz de construir seu retrato e sua autobiografia, realiza um diálogo com a sua própria imagem, enfrentando suas características, sabendo o que gosta ou desgosta em si, como lidar com seus defeitos e aproveitar suas qualidades e habilidades, reconhecendo que as pessoas são diferentes e que cada um apresenta peculiaridades próprias e que devem ser aceitas e respeitadas. Cada um necessita saber que cada ser é único e igualmente importante e cabe a cada um saber qual o seu papel e a sua importância em busca do bem coletivo.

A construção do planejamento baseia-se nas Orientações Curriculares da secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, referente ao Ensino Fundamental, Séries e Anos Iniciais e Finais.

**Objetivo Geral:**

Construção de autorretratos, através de fotomontagem, que proporcionarão a autoanálise dos alunos, que assinalarão, além de suas características físicas, elementos que fazem parte de suas personalidades, como gostos, preferências, perspectivas futuras em busca da construção de suas identidades.

**Primeiro encontro**

**Competências:** Retrospectiva de características pessoais e do trabalho realizado em 2009.

**Habilidades:** Reconhecer suas próprias obras, a criatividade e a importância da atividade.

**Procedimentos:** Reunião com os alunos, revisão de suas produções e gravação de uma entrevista.

**Recursos:** Computador, slides, filmadora.

**Avaliação:** A auto avaliação será de acordo com participação e o desempenho nas atividades, bem como a desenvoltura.

**Segundo encontro**

**Competências:** Noções básicas de fotografia e autorretrato.

**Habilidades:** Produzir retratos e autorretratos.

**Procedimentos:** Solicitar que os alunos pensassem em diferentes poses e movimentos, assim como na iluminação para serem fotografados.

**Recursos:** Máquina fotográfica e grafitis espalhados pela escola.

**Avaliação:** A auto avaliação será de acordo com participação e o desempenho nas atividades, bem como a desenvoltura.

**Terceiro Encontro:**

**Competências:** Compreender os detalhes dos estímulos visuais acerca do tema, diferenciar os modos de expressão e produção dos diferentes artistas, discutir, reconhecer características básicas de sua própria fisionomia e personalidade.

**Habilidades:** Compreensão aprofundada acerca da importância das suas próprias características individuais, ampliação da observação acerca das obras de arte, suas linguagens e objetivos.

**Procedimentos:** Introdução expositiva ao tema fotomontagem. Apresentação de artistas que produziram fotomontagem e suas obras, desde da história às suas obras ( Martha Rosler, Grete Stern, Hanna Hoch, Frida kahlo e Arthur Omar) e fotografias pessoais para aproximá-los de uma realidade artística. Debate sobre o que cada um pensa sobre as obras apresentadas . Pesquisa e seleção de imagens em revistas.

**Recursos:** Apresentação em Power Point, envelopes, revistas e tesoura.

**Avaliação:** Os alunos deverão debater e analisar, por meio do debate, o entendimento do tema fotomontagem e das obras observadas, refletirão sobre a motivação para a construção das obras de arte e sobre as suas futuras produções.

#### Quarto encontro

**Competências:** Produzir e analisar um autorretrato fotomontado.

**Habilidades:** Compreensão e aplicação dos conhecimentos adquiridos sobre o tema. Criação e modificação das próprias imagens produzidas de acordo com a identidade pessoal e a criatividade de cada um.

**Procedimentos:** Recorte e colagem de imagens fotográficas (fotografias e imagens em revistas). Gravação de vídeos.

**Recursos:** Revistas, filmadora, fotografias, tesoura, cola e papel Canson A3.

**Avaliação:** O aluno avaliará atividade realizada, bem como a sua participação efetiva. A criatividade quanto a manipulação de sua própria imagem de acordo com suas características individuais. A auto avaliação completará a atividade através da gravação de um vídeo onde os alunos analisarão a própria obra.

### 7.3. Entrevistas

#### Luana

P: - Conta pra mim um pouco de você: seu nome, idade, de onde você veio...

A: - Meu nome é Luana, eu moro no Recanto, vim prá cá em 2009, vim com 11 anos de idade. Faço a 5ª série. Cheguei aqui na 3ª série e to na 5ª série.

P: - você gosta da escola?

A: - gosto. Aqui é uma escola diferente, né...

P: - E você percebe as diferenças?

A:- É o dia todo. Porque nem todas as escolas é o dia todo, né. E também por causa que aqui você pode fazer quantas séries você quiser em um ano. Duas, três ou até quatro séries, dependendo do aluno.

P: - Você do trabalho que a gente fez, não lembra? Naquela época teve alguns alunos que não quiseram tirar foto, ficaram com vergonha. Você teve vergonha de tirar foto?

A: - Não... Acho que eu não tive vergonha não.

P: - E você lembra que depois os alunos foram vendo alguns alunos fazendo e foram se incentivando. Acho que você foi uma dessas, né? Você lembra como você se via naquela época? Como é que você se olhava no espelho e você via sua imagem. Como que você achava que era?

A: - Uma criança. Uma garotinha, sei lá. Legal. Gostava de brincar...

P: - E como você acha que as pessoas te viam?

A: - Uma criança.

P: - Mas e você, o seu físico?

A: - Meu físico? Como assim?

P: - Quando você se olha no espelho, você vê uma imagem. Naquela época como é que você via a sua imagem e como é que as pessoas te viam?

A: - Me viam?...

P: - O que você acha...

A: - Normal, elas me viam como se eu fosse uma menina, sei lá...

P: - E você quando se olhava no espelho o que você via?

A: - Eu, uma pessoa normal, uma menina.

P: - Você acha que você mudou muito?

A: - Muito assim, muito não... Mas acho que mudei.

P: - O que você acha que mudou?

A: - Mudou que... eu cresci né, evolui mais.

P: naquela época você já usava maquiagem?

A: - Já...

( Risos )

P: - E você tinha quantos anos?

A: - Tinha 11 anos. Sempre gostei de usar maquiagem.

P: - E, como foi produzir a 1ª foto. Você teve vergonha de tirar foto?

A: - Não. Não tinha vergonha de tirar foto não, por causa que já na minha casa tirava foto, com a minha irmã colocava no Orkut.

P: - Eu percebi que muitos alunos fizeram essas fotos, colocavam realmente na Internet, colocavam no Orkut e você acabou de me falar que colocava.

A: - Coloquei...

P: - Você colocou suas fotos no Orkut. Por que você acha que você colocou suas fotos no Orkut?

A: - Por causa que eu achei bonito, que ficou assim legal, bem diferente. Queria mostrar pros outros prá eles verem como é que ficou.

P: - Você acha que é importante as pessoas verem a sua foto, sua imagem?

A: - Acho que sim, né... Comentar também, falar se tá bom, se tá ruim.

P: - Então a opinião dos outros é importante?

A: - Prá mim é.

P: - Outra coisa que eu queria saber de você é se você fez muitas modificações nas suas fotografias?

A: - Fiz, fiz um bocado.

P: - Você lembra?

A: - Lembro. Mudei a cor, coloquei papel de parede, um monte de negocinhos, de bichinho também que tinha. Alguns negócios, uns corações, umas florzinhas. Colocava às vezes preto e branco. Via também o jeito da foto.

P: - Você teve coragem de fazer grandes modificações na sua imagem?

A: - Não.

P: - Não... Por quê?

A: - Não, por causa que a foto tava quase boa, só faltava algumas coisas prá ficar bonita. aí, não precisou de fazer.

P: - E como você se sentiu quando a foto ficou pronta?

A: - Como me senti? Ah, me senti como se eu tivesse feito assim, uma coisa muito boa. Ficou bem bacana.

P: - E você se pudesse, mudaria alguma coisa na sua imagem?

A: - Não.

P: - Você gosta do que você vê?

A: - Gosto.

P: - E você tá muito mais vaidosa do que há três anos atrás. E você acha que essa vaidade é importante?

A: - Acho.

P: - Por que?

A: - Por que? ( risos ) Porque sei lá, eu gosto, entendeu? Não tenho nem o que falar.

P: - Você gosta de quê?

A: - De mim!

P: - Você gosta de você?! Ah, isso é ótimo! Isso é muito bom! ( risos ) Sério... Teve alguns alunos que tiveram resistência para fazer esse trabalho. Porque você acha que eles resistiram? Não queriam participar?

A: - Porque era chato. Por causa que muita gente não gosta de tirar foto, né. Aí começa a tirar assim...

P: - Você acha que um aluno fazendo o trabalho, vai incentivando o outro também?

A: - Com certeza.

P: - Por que acontece isso?

A: - Por que ele tá vendo assim. Ele vai achar bonito e vai querer fazer também.

P: - Ok. Então é isso... Lu.

### **Carla**

P: - Qual o seu nome? Quantos anos você tem. Com quantos anos você veio prá cá? De onde você veio?

A: - Meu nome é Carla, eu vim prá cá na época em 2006 com 13 anos, sou da Cidade Estrutural, na verdade eu não sou daqui. Eu sou da Bahia, Bom Jesus da Lapa. Na verdade quando eu cheguei aqui em Brasília a 1ª escola que eu entrei foi essa e é a que estou até hoje.

P: - E você chegou em que série?

A: - Na verdade eu comecei tudo de novo. Da 1ª série.

P: - E, das escolas que você conheceu lá na Bahia, Você percebeu se tem muita diferença com essa escola?

A: - Diferente porque essa aqui é o dia todo e a de lá não e também porque lá estuda o ano todo para passar uma série e essa daqui não. Porque a gente pode fazer, depende do aluno. Pode fazer três séries em um ano, uma, duas, nenhuma. Depende do aluno.

P: - E a relação com o professor é diferente?

A: - Comigo não. Sempre me dei bem com todo mundo.

P: - E você lembra do trabalho que a gente fez?

A: - Lembro.

P: - Você gostou de fazer?

A: - Gostei. Queria que continuasse, mas parou, né? ...

P: - É, na época a gente teve que parar. Teve alguns alunos na época que apresentaram resistência, que tinham vergonha de tirar foto. Você tinha vergonha?

A: - No início sim, depois não.

P: - Depois você gostou?

A: - Depois foi normal.

P: - E, como é que você se via naquela época. Assim você?

A: - perfil?

P: - É.

A: - Uma menina simples. Uma menina simples. Assim que via. As pessoas como, entendeu assim, tipo assim como todo mundo. Eram certos, bonzinhos, sempre era o que eu conversava com todo mundo. Teve uma época que eu cheguei a quebrar a minha cara, mas é assim mesmo. É passando pela vida que a gente vai descobrindo que tipo de pessoas são.

P: - Mas, e você, a sua imagem. Como via você?

A: - Como assim?

P: - Você, seu físico, sua imagem, seu rosto. Quando você se olhava no espelho, o quê que você via?

A: - Uma menininha.

P: - Uma menininha... legal! E hoje, como você se vê?

A: - Ah praticamente uma pessoa jovem, mais assim, mais elevada.

P: - E mudou muito?

A: - Mudou.

P: - A sua aparência mudou muito, o quê aconteceu com você?

A: - Ah, eu não sei dizer. É assim. Mudou porque fui crescendo, fui sabendo o quê entendeu, que deve usar o que não deve. É porque eu fui criada de forma diferente e na época que eu entrei eu não podia me vestir de uma forma. E hoje em dia eu posso. Porque eu já sei o que é certo e o que é errado.

P: - E como você acha que as pessoas te viam?

A: - Ah, como uma menina feia!

P: - Uma menina feia?

A: - Isso.

P: - E hoje você é uma menina feia?

A: - Não, hoje em dia eu sou diferente. Não. Mas, me via diferente mas não como sou hoje. Eu sei que eu mudei muito.

P: - Você acha que você é mais vaidosa hoje?

A: - Com certeza.

P: - Eu tô vendo que você tá toda maquiada né, passou rímel nos olhos. Gosta de se arrumar?

A: - Gosto muito.

P: - Você acha que quando você se arruma mexe com sua imagem?

A: - Mexe.

P: - Naquela época que a gente fez o trabalho, como foi produzir a primeira foto? Você falou que tinha vergonha, depois começou a tirar. É, como foi mexer naquele programa de computador? Você gostou daquele tipo, de aprender a mexer naquele programa ?

A: - Ah, gostei. É diferente. Eu não sabia que existia aquilo não. Eu não sabia, mas não sei os outros.

P: - E você fez muitas modificações na sua imagem?

A: - É fiz.

P: - Você lembra o que você fez?

A: - Ah, eu mudei a cor, coloquei alguns coraçõezinhos, florzinhas. É diferente. Eu fiz uma coisa assim, uma montagem.

P: - Uma montagem, né. E naquela época, que sentimento passava na sua cabeça. Assim quando você fazia essas modificações. Por que você queria fazer essas modificações?

A: - Ah, porque eu achava diferente. Eu acho é diferente. No início era só prá mim ver mesmo, só prá mim consertar, tirar meus defeitos, mas depois fui sabendo que era diferente. Sei lá. É inexplicável.

P: - E você teve vontade de fazer muitas modificações na foto?

A: - Tive sim, mas tinha alguns programas que não era liberado.

P: - Ah, tinha uma parte que era paga e a outra que era de graça.

A: - É.

P: - E como você se sentiu quando a sua primeira foto ficou pronta?

A: - Ah, eu percebi assim, diferente.

P: - Fica diferente, né?

A: - Ficou totalmente diferente.

P: - E naquela época, eu lembro que muita gente que apresentou resistência de fazer esse trabalho depois ficou curioso, quis fazer e aí depois o pessoal pegava as fotos e colocava na Internet. Por que você acha que as pessoas botavam na Internet? E você botou na Internet também? Por que você botou na Internet e no Orkut?

A: - Não, eu não coloquei, porque eu não tinha Orkut. Mas, guardava numa pasta.

P: - Você guardava numa caixa... mas, você lembra que o pessoal colocava no Orkut. Por que você acha que o pessoal botava no Orkut?

A: - Porque ficava bonito.

P: - Ficava bonito?

A: - Eu achava.

P: - E eles queriam fazer o quê quando colocava no Orkut? Todo mundo vai poder ter acesso, né?

A: - Isso.

P: - O que eles queriam colocando no Orkut?

A: - Chamar atenção.

P: - Hoje se você pudesse mudar alguma coisa na sua imagem, na sua vida, na sua escola, o quê você acha que seria legal prá você?

A: - O quê eu poderia mudar em mim mesma: ser mais simples. Eu gosto de ser uma pessoa simples. Ser assim eu gosto. O que eu vejo em mim é a simplicidade. Mas que eu quero continuar a ser simples e humilde como sempre.

P: - Então é isso meu bem. Queria agradecer. Obrigadinha.

A: - Tá bom.

### **Mariana**

P: - Qual o seu nome, quantos anos você tem, aonde você mora, com quem mora, com quantos anos você chegou aqui na escola?

A: - Meu nome é Mariana, Tenho 15 anos, moro na Cidade Ocidental, moro com meus pais e meus dois irmãos. Eu sou a mais velha dos meus irmãos. Cheguei aqui na escola eu tinha 13 anos. Foi em 2007... ( dúvidas ). Foi em 2008...

P: - Você consegue as diferenças entre essa escola e as outras que você já estudou?

A: - Consigo. Muitas. Porque nas outras escolas que eu estudei tinha muitos alunos na sala, a gente não tinha muita atenção dos professores. Era uma coisa meio que organizada, mas ao mesmo tempo desorganizada pela quantidade de alunos. E que, aqui a gente tem mais aproximação com os professores, com os alunos. A gente tem mais coisas, tipo mais esportes. Na outra escola só tem esporte de Educação Física. Aqui a gente tem projeto, vôlei, futsal, tem oficinas, tem cursos. Então é bem diferente.

P: - É diferente né? E sobre nosso trabalho que a gente fez em 2009. Como é que você tirou as fotografias? Como é que você se via nas fotos?

A: - Como eu me via?

P: - Como você se via naquela época?

A: - Como eu me vejo até hoje... Eu sempre me achei uma pessoa muito bonita, com um sorriso lindo, com um olhar também muito marcante. E eu me vejo da mesma forma hoje também.

P: Você acha que você mudou muito assim?

A: - Não. Eu acho que eu mudei pouco pelo desenvolvimento do meu corpo, mas assim o formato do rosto, a fisionomia não mudou muita coisa.

P: - Como você acha que as pessoas te viam?

A: - Como elas me viam? É assim: eu acho que elas me viam um pouco assim de criança, um pouco criança, pelo meu jeito das roupas que eu vestia, coisas meio assim, um pouco meio infantil, mas com muito caráter. Acho que eu tinha muito caráter. Assim passava na fisionomia do meu corpo, muito caráter, muita força, acho que liderança.

P: - Mas e fisicamente?

A: - Eu acho que eles me viam eu bonita. Acho que eles notavam mais o meu sorriso, meu olhar, minhas bochechas que eu acho fofo ( risos). Acho que eles olhavam muito isso.

P: - Naquela época a gente teve alguns colegas que tiveram dificuldade com o trabalho e mostraram resistência, que não tinham coragem de tirar fotografia e aos poucos eles foram vendo os outros participantes e quiseram participar. Você teve essa dificuldade de tirar foto?

A: - Não, eu sempre fui uma pessoa muito fotogênica. Sempre gostei de tirar foto, de aparecer, de chamar atenção.

P: - E você acha que é importante você participar das atividades para incentivar os outros alunos?

A: - Acho importante porque vai também pelo psicológico da pessoa, né? Se a pessoa se sente acuada de fazer alguma coisa e vê uma pessoa de atitude fazendo, ela quer fazer também e quer ser igual.

P: - E, quando você começou a fazer a primeira foto, você fez muitas modificações nela?

A: - Fiz. Fiz assim, algumas, não muitas, mas um pouco razoável.

P: - É, e o quê você mudou. Você lembra?

A: - Mudei os olhos. Coloquei os olhos vermelhos. Botei uma cor bem chamativa, que é o rosa no fundo. Meio fosco, para chamar bem atenção pro meu rosto e coloquei uma moldura azul.

P: - E você teve vontade de fazer grandes modificações na sua imagem?

A: - Tive. Mas não pelo meu corpo físico, mas pela paisagem atrás de mim ali no ambiente que eu tava. Ia mudar bastante, acho que ia ficar legal.

P: - Como você se sentiu quando sua foto tava pronta?

A: - Ah, eu fiquei o maior feliz, assim, senti alegre, senti muita vontade de rir, porque eu achei super engraçado, ficou super diferente. Fiquei muito feliz, muito alegre.

P: - Você gosta da sua imagem que você vê no espelho?

A: - Gosto. Gosto muito. Eu me acho bonita!

P: - Eu percebi que alguns alunos colocaram algumas fotos no Orkut. Você colocou?

A: - Não. A minha eu imprimi e coloquei no meu quarto.

P: - Ah, que bacana! E você tinha muitas fotos antes?

A: - Tinha. Assim modificadas não muitas. Eu tenho algumas no meu Orkut, que eu modifiquei. Coloquei lá. Depois que você fez, eu comecei a fazer.

P: - Por que você colocou no Orkut?

A: - Prá outras pessoas poderem ver a minha criatividade que eu tenho, prá mudar as fotos. E que, fica muito legal. Fica o maior diferente!

#### 7.4. Auto avaliações

##### Mariana

- Nesse recorte que eu fiz essas coisas, eu coloquei eu no centro de tudo. Esse olho significa Deus olhando pra mim, a natureza, coisa que eu adoro, ao meu senso de humor. Essa parte branca representa a pureza que eu tenho e, essa parte colorida é eu assim em termos de alegria, felicidade, descontração. Sou muito descontraída, adoro cores, coisas coloridas e, esse aqui sou eu, literalmente eu, como eu sou de todas as formas. Essa daqui significa eu subindo num pódio com ajuda dos meus pais. Essas palavras atrás significam todas as coisas boas que meus pais me disseram, coisas que meus pais me ensinaram a fazer, coisas boas, coisas erradas que eles sempre tiveram a capacidade de me ajudar, de me ensinar... Essa mão aqui representa a mão do meu pai que apontando pra mim. Aqui eu, aqui são as coisas que estão saindo da minha mente, as coisas boas, as coisas interessantes, as coisas proibidas e as coisas que eu quero deixar de ser, não quero ser uma criancinha assustada, não quero mais ser aquela criancinha boba. É, meus pais sempre me ensinaram a namorar no momento certo, não quero ser mais preguiçosa, não quero ficar em busca da sensualidade, e as caveirinhas representam as coisas ruins que vem na minha mente de vez em quando, de fazer, mas eu vou superar, vou superar. É isso aí!

##### Carla

A: - Olá, meu nome é Carla. Essa aqui que tá aqui no meio, sou eu. Aqui significa o que eu quero ser, cada cor, se o fundo tá colorido é porque cada cor significa uma coisa que eu quero ser prá frente. É... aqui significa eu abraçando primeiramente os estudos, e, aqui sou eu querendo ser, eu quero, meu sonho é ser modelo um dia, breve realizarei. Eu quero né! O azul significa sonho, é espiritualidade, brilho. O marrom significa a natureza, terra etc. Por isso que eu coloquei colorido, tem tudo a ver comigo. É o que eu quero ser é o que tá aqui, não só, não só o que está aqui. Eu não coloquei tudo aqui, mas é bastante para entender o que eu quero ser daqui prá frente. Gosto muito de ler. Quero viver, ter saúde, trabalhar. Paz. O que eu quero mais é paz no mundo e eu vou lutar pra ser o que eu sou e eu amo o que sou. “Brigada”!

P: - Que lindo!

##### Rodrigo

P: - Não precisa nem mostrar não. Se você quiser olhando e me falar... Me diz aí, porque você escolheu tantas cores pra colocar no fundo do seu trabalho?

A: - Por causa que eu gosto de flores, é muito bonito.

P: - É bonito?

A: - É, que nem eu...

P: - Que nem você?

A: - É “pfessora”!

P: - Por que você escolheu colocar três fotos suas?

A: - Ah, porque... Não, porque eu gosto, porque eu achei que ia ficar bom assim. Eu queria passar mensagem que eu sou muito alegre, que antes eu era triste... Só isso.

P: - E essa cobra aí? Por que você escolheu colocar essa cobra?

A: - Porque antes eu era muito mau.

P: - Você era mau?

A: - É...

P: - E quais eram as conseqüências dessa maldade toda?

A: - Ruim né, professora...

P: - E esse menino que você colocou sua foto?

A: - Isso aqui é quem eu sou hoje. Sou alegre, sou brincalhão, sou divertido.

P: - E tem motivo de você ter escolhido coisas redondas assim?

A: - Não...

P: - Tem esse redondo, esse redondo...

A: - Ah professora... Tem não. Esse eu coloquei só prá enfeite.

P: - E esse bocão aqui?

A: - Esse bocão é prá dizer que eu sou feliz. Porque a foto tá...

P: - Ah tá... E esse aqui fazendo careta?

A: - Porque eu sou brincalhão.

P: - E aquela lá, a foto lá?

A: - Aquela lá é que eu to zombando da minha cara mesmo.

( risos )

P: - E você, gostou do seu trabalho?

A: - Gostei.

P: - O que você quer que as pessoas pensem quando olharem seu trabalho?

A: - Pensar que eu sempre fui muito alegre, sou feliz, sou brincalhão, sou divertido.

Esse tipo de coisa que eu gosto.

P: - Tem mais alguma coisa prá você falar que eu não perguntei?

A: - Não, só isso.

P: - Não?

A: - Só.

### ➤ Luana

A - Eu gosto... Eu coloquei essas cores aqui, porque eu gosto de cores bem alegres. Coloquei essas flores assim porque eu achei bem legal né. O óculos que eu gosto de sol... Mudei meu corpo porque assim no futuro eu quero ter uma profissão boa, ser modelo de capa de revista. Essa flor aqui é uma coisa que vem da natureza que eu gosto também, que eu acho bonito.

P: - E, por que você escolheu três tipos, três cores de cabelo? Por que você mudou tanto?

A: - Loira, porque eu queria pintar o cabelo de loiro, só que acho que não fica legal, aí eu...

P: - Por que você trocou. Botou você no corpo dessa mulher?

A: - Porque ela é modelo de capa de revista, aí eu tenho... Como se me “vesse” assim aqui.

P: - E por que você botou óculos no rosto? No seu olho?

A: - Porque eu gosto de sol.

P: - Você gosta de sol ou você quer se proteger do sol?

A: - É...

P: - Ah tá... Que mais?

A: - E essas cores, porque vem da natureza. Que é cores alegres.

P: - Ah, cores alegres...

A: - Certo. Só isso.

### 7.5. Fotos

Ricardo:

- 2009



- 2011

